

VOZ POPULAR 2000



Nº 200– JUNHO de 2022

Jornal da Casa do Povo de Pico da Pedra Fundado em 1975



45 ANOS A SERVIR O PICO DA PEDRA 1977-2022



A ANDAR FEZ-SE CAMINHO

E eis que chegamos à edição 200 do nosso jornal “Voz Popular”, publicação que sucedeu ao “Grito do Povo” que saiu à rua em 1975, denominando-se em 1981 “A Voz”, assumindo-se nesta altura como órgão de divulgação da Casa do Povo de Pico da Pedra e posteriormente, por exigências legais, ostentando o título de “Voz Popular”, que ainda hoje mantém.

É curioso referir que o jornal começou pela reunião e vontade de alguns jovens que procuraram por este meio manifestar publicamente a sua insatisfação pela forma como alguns responsáveis exerciam o poder na freguesia.

Ao comemorar-se a publicação número 200 é importante também destacar o papel do jornal desde a sua criação, e já lá vão 47 anos, e a sua constante evolução até aos nossos dias.

Olhando para o percurso das 4 folhas dactilografadas a preto e branco, policopiadas, ao colorido de hoje que folheamos, com uma edição de 600 exemplares distribuídos gratuitamente por todos os lares da nossa freguesia e pelas redes sociais, percebemos de imediato a sua evolução ao longo dos anos. Falar deste seu percurso não é fácil, pois foram muitas as vicissitudes que surgiram durante este período e dificultaram, por vezes, a sua publicação e a qualidade que queríamos imprimir. Todavia, nunca tivemos dúvidas de que era um projeto imprescindível para a nossa freguesia, pois não só relata o nosso presente, como perpetua a memória dos nossos antepassados contando a nossa história passada, e leva-se aos nossos emigrantes, aqueles heróis que deixaram a segurança da sua terra em busca de um futuro mais promissor para si e suas famílias, o Pico da Pedra atual, numa tentativa de se manter o cordão umbilical ligado à terra mãe.

Em cada número que saiu, procurou-se acrescentar a este percurso um foco firme de progresso, um passo em que a nossa caminhada de povo se reveja nele, um instrumento de promoção e divulgação da nossa Freguesia, pois não nos limitamos a publicitar e perpetuar unicamente as atividades realizadas na nossa Casa do Povo.

Deu-me gozo ter tido a oportunidade de colaborar no jornal desde os seus primórdios, pois através dele sempre se procurou abrir caminhos de renovação, de pensamento, de crítica, com padrões de exigência e alertando para as principais lacunas existentes na freguesia, sempre numa tentativa constante de as colmatar e proporcionar melhor qualidade de vida à nossa população.

Outro desafio era precisamente que fosse um polo centralizador e em simultâneo de irradiação de tudo o que de bom se faz nas diversas Instituições do Pico da Pedra e este é um desafio a não perder, pela importância com que se reveste para a nossa vida em comum, que queremos que seja de harmonia e de progresso sustentável.

É, pois, sem sombras para dúvidas, um projeto de inestimável valor na vida desta Casa do Povo e na do Pico da Pedra, enquanto comunidade empenhada na valorização, enriquecimento e progresso da nossa freguesia, para o qual procuramos fazer sempre o melhor para produzirmos um jornal com mais qualidade.

Uma palavra de reconhecimento e gratidão impõe-se a todos os que, em 1975, tornaram este projeto uma realidade, aos que se seguiram e aos que presentemente tudo fazem para vos fazer chegar a casa trimestralmente o nosso Voz Popular.

Por feliz coincidência atingimos a edição número 200, precisamente no ano em que comemoramos 45 de existência, enquanto Instituição ao serviço do Pico da Pedra. Estamos duplamente em festa!



Alexandre Gaudêncio

PARABÉNS PELA 200ª EDIÇÃO

A Casa do Povo do Pico da Pedra e o jornal “Voz Popular” estão de parabéns. 200 edições é obra e é revelador da grande importância que esta publicação tem, não só para os residentes nos Açores, mas também para a nossa comunidade emigrante.

Esta edição é ainda marcada pelo início das comemorações do 45º aniversário da Casa do Povo do Pico da Pedra, entidade proprietária do jornal.

É por isso um motivo de regozijo, a dobrar, sobretudo numa altura em que escasseiam os meios para a sobrevivência destes projetos.

Mas, para que as obras apareçam há sempre alguém que serve de inspiração e assume as rédeas. É o caso do Sr. José Maria Jorge, presidente da direção da Casa do Povo do Pico da Pedra e que está ligado à instituição desde a sua fundação.

É uma verdadeira inspiração, principalmente para as novas gerações. Aprendi, desde cedo, a olhar para o seu exemplo de vida e tentar seguir os seus passos. A sua forma de ser e de estar na vida, onde o próximo está sempre em primeiro lugar, é revelador da forma como encara o dia-a-dia.

A história da instituição, mas também da freguesia e do

concelho, estão intimamente ligadas a José Maria Jorge. É que para além dessa preocupação para com os outros, teve sempre uma atenção para com os problemas da sua freguesia e do concelho onde reside.

Exemplo disso tem sido o percurso da Casa do Povo do Pico da Pedra ao longo da sua história. Desde a criação de novas valências, às obras de ampliação da instituição, passando pelo aumento de respostas sociais e pelos diversos eventos sócio-culturais que organiza, José Maria Jorge tem sido um autêntico impulsionador da melhoria de qualidade de vida dos picopedrenses.

E é precisamente na pessoa que gostaria de destacar na edição número 200 da “Voz Popular”. Os projetos e as obras não nascem órfãs. Há sempre um pai que idealiza e que concretiza. E o sucesso do jornal deve-se, sem dúvida, ao querer e à vontade de José Maria Jorge.

É por isso, com muita honra, que faço parte deste marco do jornal, desejando que continue a desempenhar o importante papel de dar a conhecer aquilo que se vai passando na localidade, mas sem perder o espírito reivindicativo e social e que tem tido desde a sua primeira edição.

A todos que têm colaborado com o jornal, gostaria de congratular por este feito, em nome pessoal e institucional.

Délia Melo
(Deputada A. L. R.)

A VOZ DA COMUNIDADE

Todos os picopedrenses nutrem pela sua freguesia um carinho especial. Conhecem cada rua, cada porta, cada rosto, cada paisagem e interessam-se pelo que se passa na comunidade. Mesmo aqueles que partem para longe, gostam de estar informados da vida da sua freguesia.

Da vontade de divulgar a terra, as gentes, a História e as histórias, nasce o *Voz Popular*, Jornal da Casa do Povo do Pico da Pedra, fundado em 1975. Este é um exemplo de jornalismo comunitário que desempenha uma função social de extrema importância, por constituir um elo de ligação muito estreito entre todos os cidadãos da freguesia.

Folhear as páginas deste ou de qualquer outro jornal comunitário é um convite para os leitores ficarem a conhecer o que de relevante se passa na sua comunidade, naquele pedaço de território a que chamam “casa”. As notícias simples e autênticas – desde informação sobre as festas, um resultado desportivo, uma atividade dos escuteiros, uma inauguração, entre outros - prendem a

atenção da população que se sente diretamente implicada no que lê, quer por ser protagonista das histórias relatadas, quer por conhecer quem nelas entra.

O jornalismo comunitário é também um instrumento de mobilização social, por incentivar os membros da comunidade a interagir na produção do jornal, para que eles deixem de ser somente recetores da mensagem e cheguem a ser os produtores da mesma.

Por ser a voz das comunidades, este é um modo de transmissão de informação humanizado que se reveste de vital importância para a preservação de uma identidade e a valorização das particularidades de uma região. É também um veículo para levar toda a atualidade aos que partiram para longe, aos emigrantes que sentem o pulsar da terra que os viu nascer e que anseiam por receber boas-novas da mesma.

Concluo com desejos sinceros que o *Voz Popular* continue a ser um êxito e que o seu lema seja sempre o de uma total integridade informativa e opinativa para provento de todos os picopedrenses.



200 números do *Voz Popular* – um motivo de celebração

Onésimo Teotónio Almeida

O amigo Zeca, mesmo em convalescença, teve a preocupação de me anunciar a publicação do nº 200 do *Voz Popular*. E, como me reconhece fiel leitor (ele faz sempre questão de me enviar o jornal), e sabe que leio tudo de fio a pavio, perguntava-me se não queria associar-me escrevendo umas linhas para esse número especial.

Evidentemente que anuí. Assentei no calendário o plano de escrever uma nota de parabéns, desfiando uns quantos adjetivos ditados pela sinceridade de leitor regular e deveras apreciador do tradicional espírito da gente desta nossa freguesia que, entre tantas outras iniciativas, mantém esse boletim vivo e interveniente. O meu amigo João Carlos Tavares, natural da Fajã de Cima, também habitual leitor do *VP*, não se cansa de expressar a sua admiração pela qualidade sempre renovada em cada número.

Iria, pois desenrolar a minha nota-postal nesse tom, quando aconteceu chegar-me o email de um amigo, o Professor José Luís Cardoso, atual Presidente da Academia das Ciências de Lisboa. Partilhava um artigo seu sobre a revolução liberal de 1820, que iniciou uma viragem política em Portugal rumo à modernidade (“A revolução Liberal de 1820: Guia de uma revolução inacabada”, *Almanack*, Guarulhos, nº 30 ed00422, 2022). Comecei a lê-lo e deparei com este parágrafo inicial:

“A Revolução Liberal, iniciada no Porto, em 24 de agosto de 1820, obedeceu a um conjunto de orientações programáticas definidas pelos seus principais mentores e impulsionadores.”

Claro que me ocorreu logo o nome da Rua 24 de Agosto do nosso Pico da Pedra, topónimo que foi sempre para



mim um enigma, até há alguns anos quando li algures uma explicação: essa era afinal a data do início da revolução liberal. Só que não me lembrava onde tinha encontrado essa informação (a velhice não perdoa!)

De imediato escrevi ao Professor José Luís Cardoso a agradecer-lhe o do seu texto e a dizer-lhe que fora logo à partida agarrado pela frase de abertura. Expliquei-lhe que na minha freguesia natal, Pico da Pedra, há uma Rua 24 de Agosto, nome que para mim tinha sido um mistério, até ao seu desvendamento quando um dia vim a saber que tinha a ver com a data da revolução liberal.

Todavia não me recordava onde tinha obtido esse dado. E acrescentei:

*“Não sei se terá sido o Diniz Moreira da Mota (deu o nome à minha rua de berço), patricio meu que vem mencionado no *In Illo Tempore*, de Trindade Coelho, e irmão de Aristides Moreira da Mota, o grande teórico autonomista açoriano, que terá feito questão de colocar essa data como nome da rua.”*

Partilhei entretanto o ensaio do Prof. José Luís Cardoso e a nossa troca de emails com os amigos e patricios Osvaldo Cabral, José Maria Cardoso Jorge, Gilberto Bernardo e à Paula Cabral.

Em poucas horas, o Gilberto envergonhava-me a memória enviando cópia do artigo por ele publicado no *Voz Popular* em 2020, precisamente a explicar em pormenor a origem do topónimo. Nesse minucioso escrito, o Gilberto conta que a identificação dessa data tinha sido feita numa muito anterior edição do boletim *Voz Popular* (nº 30), em Fevereiro de 1978, assinado nada mais nada menos do que pelo meu saudoso tio, Professor José Carreiro d’Almeida. Mais acrescenta o Gilberto Bernardo, citando o Prof. Carreiro, que *“foi para comemorar o primeiro centenário dessa revolução que a Junta de Freguesia de Pico da Pedra, da presidência de António Emídio Botelho e tendo como Regedor, José Emídio Botelho, quem deliberou solicitar à Camara Municipal, que a rua que vai da Rua das Almas até à Rua Maria do Céu se denominasse por Rua 24 de Agosto de 1820 (acta da Junta de Freguesia de 15 de Agosto de 1920).”*

Porque faço sempre questão de dar o seu a seu dono, reencaminhei imediatamente o artigo do Gilberto para o Prof. José Luís Cardoso que não tardou a acusar a receção dando claros sinais de que o leu. Transcrevo o seu email:

“Muito obrigado por partilhar esta curiosidade. Espantoso. Preparava-me para lhe escrever sugerindo que, possivelmente, teria havido lá na freguesia algum acontecimento notável em tal data. Mas assim se prova que entre os micalenses há bons e fiéis devotos da revolução liberal.”

Nem na Figueira da Foz, terra minha que também foi a de Manuel Fernandes Tomás, existe rua com tal lembrança. Não foi o único a lembrar-se que valia a pena celebrar esse dia.”

Quer dizer: a apregoada tradição liberal do Pico da Pedra não é mera cantiga.



Osvaldo Cabral

Pico da Pedra, maio 2022

A máquina

Numa tarde quente, em pleno agosto de 1975, depois de um mergulho no mar da Furna (Calhetas), entrei em casa de meu padrinho, Jaime Correia Dias (mais conhecido por Jaime Bento), para uma conversa, que já era habitual e quase rotina, sobre política e o que havia a fazer no nosso Pico da Pedra.

Vivíamos, então, outros dias quentes da política e nós, mais jovens, com 18 anos de idade, influenciados pelo clima de então, queríamos mudar o mundo, o nosso mundo picopedrense.

O primeiro objetivo era mudar o nome das ruas que ostentavam nomes do antigo regime, como a Avenida 28 de Maio (hoje Avenida da Paz) e o Largo Dr. Oliveira Salazar (hoje Largo do Trabalhador), o que conseguimos dois anos depois, através de um referendo local (regime jurídico inexistente na altura), realizado no salão paroquial com forte participação popular.

Até lá foi preciso percorrer um caminho de "esclarecimento à população", uma espécie de "pedagogia política", por quem pouca maturidade política ainda tinha, como o caso da nossa geração.

Jaime Bento, homem aberto à mentalidade jovem, nada conservador, desafiou-me naquela tarde: escreve essas tuas ideias num papel e distribui pelas portas da freguesia.

Dito e feito. Só faltava a máquina de escrever.

Não seja por isso - diz Jaime Bento - e foi buscar uma sua, guardada no fundo do armário, já velhinha de uso.

Foi essa máquina que acompanhou a composição do então "Grito do Povo", uma publicação panfletária que, mais tarde, "amaciou" o nome para "Voz Popular" e, depois, em 1981, "A Voz", voltando à designação de "Voz Popular" em 1996, publicado pela Casa do Povo.

O Gilberto Bernardo e o Victor Ramos acompanharam-

me nesta longa jornada inicial, policopiando-se o "jornalinho" anónimo, como era conhecido pela população, em formato stencil de página A4.

Fazíamos o jornal, inicialmente, a expensas nossas, com a ajuda de outros jovens que se juntaram ao projeto, uns a escrever, o Gilberto a desenhar e outros a distribuir a altas horas da noite, para ninguém saber quem eram os autores.

Uns três anos mais tarde já não era possível manter o anonimato. Demos a cara e encetamos uma causa, que era de toda a população, na luta pela substituição do pároco de então, muito conservador e com ideias do regime passado.

Conseguimos os objetivos, o "jornalinho" ampliou-se, ganhou mais leitores e apoiantes e até já tínhamos uma sede própria, um quarto cedido por cima do então Café Central (que pertencia à Estefaninha), sendo mais tarde transferido para a sede da Filarmónica Aliança dos Prazeres, numa fase mais sofisticada e onde já possuíamos uma segunda máquina de escrever mais atualizada.

Hoje, "A Voz Popular" mantém outra linha de divulgação, mais acentuada com as atividades da Casa do Povo, mas não deixa de ser a "a nossa voz", a voz dos picopedrenses, onde ainda se podem vislumbrar alguns reparos e textos críticos sobre o que nos rodeia, na senda da sua linha editorial de há quase 47 anos.

E, claro, com outros recursos que não havia, desde logo a sua composição e impressão numa gráfica profissional.

Mas tudo começou naquela máquina.

A máquina do Mestre Jaime Bento.

200 números do *Voz Popular* – um motivo de celebração

Onésimo Teotónio Almeida

Conclusão da página anterior

E assim acabei arranjando uma história para contar nesta minha crónica de parabéns ao *Voz Popular* que agora alcançou um belo marco digno de celebração. É prova de que há que arquivar devidamente a coleção completa do *VP*, pois será no futuro um magnífico repositório de novas e bem mais desenvolvidas *Memórias do Pico da Pedra*, na continuidade desse clássico da nossa freguesia, da autoria do Padre António Furtado Mendonça

Só tenho pena de não ter para esta minha crónica um leitor: o meu tio José Carreiro d'Almeida. Interessava-se apaixonadamente por tudo o que tinha a ver com o Pico

da Pedra e iria certamente gostar de saber que um artigo seu de há mais de 40 anos continuava a ser citado, e chegara a receber ecos do Presidente da Academia das Ciências de Lisboa.

Obrigado ao *Voz Popular* pelo que conseguiu fazer em 199 números. E que continue firme na construção de um Pico da Pedra sempre melhor.



Gilberto Bernardo

2022/03

O NÚMERO DUZENTOS e um sem número de coisas para dizer

O número 200 e um sem número de coisas que há a dizer sobre estes quase quarenta e um anos da publicação deste Jornal é o objectivo deste pequeno artigo.

Voz Popular, como hoje se voltou a designar este Jornal, esteve sempre virada para os problemas do Pico da Pedra e o seu povo. Este Jornal, intitulado "A Voz", no seu número zero, saiu à rua numa data histórica para a nossa comunidade, em setembro de 1981, na altura em que se comemorava o primeiro Centenário da Procissão de N.ª Sr.ª dos Prazeres. Embora esta publicação fosse o jornal da Casa do Povo do Pico da Pedra, cuja primeira Direcção havia sido empossada há pouco tempo, as páginas de A VOZ foram, na sua maioria, dedicadas a estas festas, que dignificaram esta freguesia, trazendo muita gente à procissão e às respectivas actividades festivas, que tiveram a duração de quatro dias.

Escrevia-se neste primeiro número que ele seria experimental e que, em próximos números, seria aperfeiçoada a elaboração deste Jornal, o que veio a acontecer, tendo sido enriquecido com outros conteúdos sobre diversos assuntos de interesse local.

A Voz, que nascia nesse mês de setembro de 1981, embora nova no título, era já experiente em circular entre os leitores do Pico da Pedra e a nossa comunidade na diáspora, pois, desde Agosto de 1975 a Março de 1979, um outro boletim, escrito por alguns dos que agora tinham tomado a responsabilidade de editar A Voz, chegava todos os meses às casas dos picopedrenses. Tratava-se do "Grito do Povo" ou da "Voz Popular", como a partir de Novembro de 1975 passou a denominar-se. Esta meia dúzia de folhas policopiadas iniciais surgiram das querelas existentes com o pároco por causa do Salão Paroquial. Se inicialmente esta era a motivação, cedo acabou e o "Voz Popular" abarcou outros assuntos de interesse para o Pico da Pedra e para o seu povo.

Voltando ao jornal da Casa do Povo "A Voz", durante muitos anos continuou a ser policopiado, utilizadas as máquinas duplicadores do antigo boletim, existentes nesta freguesia. Nessa altura, era difícil a sua feitura, pois o stencil não era propriamente um meio fácil para corrigir erros ou desenhar. Todavia, há falta do melhor, fomos realizando a nossa tarefa o melhor que sabíamos. Com a compra, pela Junta de Freguesia, de uma máquina de tirar fotocópias, o jornal passou a ser fotocopiado, a partir do seu número 60, edição de Maio/Junho de 1990. Nessa altura, era possível, através da

fotocópia, fazer uma edição mais cuidada e ilustrada, com fotografias (branco e preto). Foi o que passou a acontecer desde então, passando o jornal a ganhar uma nova aparência gráfica. Julgo que foi, desde esse tempo, que o nosso amigo Fernando Alves passou a fazer a montagem do Jornal em computador, trabalho que faz até hoje.

Outra das modificações foi a mudança do título do jornal. Aquando da inscrição do Jornal na Direcção Geral em Lisboa, aquele organismo alertou para a existência de outro Jornal com o mesmo título. Assim, a partir do n.º 95, Março de 1996, o cabeçalho deste Jornal passou a exibir o título de VOZ POPULAR - título este do antigo Jornal de que já falamos.

Ao longo destes anos, o Jornal da Casa do Povo, VOZ POPULAR, tem vindo a evoluir tanto nos seus conteúdos como no seu aspecto gráfico, graças ao empenho das direcções da Instituição. O Jornal passou a ser feito numa tipografia, a partir do n.º 120, Setembro de 2006. Assim, o seu nível gráfico passou a ter o aspecto de uma revista a cores, com diversos conteúdos que não só se debruçam sobre a vida da Instituição, mas também sobre uma diversidade de assuntos de interesse dos leitores. Ultimamente, um vasto leque de colaboradores com os seus escritos tem vindo a enriquecer de assuntos cada vez mais diversificados, tornando a sua leitura cada vez mais apetecida.

A Direcção da Casa do Povo, na figura do seu presidente José Maria Jorge, colaboradores, paginador e director deste Jornal, Fernando Alves, estão todos de parabéns pelo trabalho que tem desenvolvido em prol do Pico da Pedra e das suas gentes. Um bem-haja a todos pela sua dedicação!



“GRITO DO POVO”

Víctor Ramos
Maio/2022



A primeira edição da “Voz Popular” designou-se “GRITO DO POVO”, foi assim que um grupo de quatro jovens intitulou o primeiro boletim informativo do Pico da Pedra.

Pós 25 de Abril e imbuídos do mesmo espírito de esperança de um mundo melhor, um mundo com classes mais igualitárias, um mundo sem opressores e oprimidos, onde a liberdade de expressão fosse uma realidade, onde mulheres e homens tivessem os mesmos direitos e deveres, onde as crianças nascessem saudáveis e com um futuro promissor.

O “GRITO DO POVO” na sua essência procurou não só dar a voz ao povo, retratar e divulgar a história do Pico da Pedra e dos seus principais acontecimentos, como estar atenta e denunciar todas as tentativas de subversão dos direitos e liberdade adquiridos.

Foi com base nestes princípios que o Osvaldo, o Gilberto, o João Paulo e eu, preparávamos ao longo de dois meses o conteúdo do próximo número do “Grito do Povo” e posteriormente distribuíamos por baixo das portas, noite dentro, onde era esperado acarinhadamente e, diria mesmo, ansiosamente pelos Picopedrenses. Uns para conhecerem as “novidades” outros para saberem se eram objeto de denúncias.

Foi assim, com poucos recursos tecnológicos e financeiros, com o apoio de alguns Picopedrenses, que saíram as primeiras edições do “GRITO DO POVO”.

A nossa “tipografia”, era composta por uma antiga máquina de escrever da Aliança dos Prazeres, onde eram batidos os estêncils (folha de papel fina que servia de matriz para a impressão), e que após alguns grafismos decorativos “esculpidos” pelo Gilberto, eram levados à “GESTETNER” (marca da máquina duplicadora) a imprimir.

Posteriormente viemos a ter conhecimento da existência de um jornal no continente com a mesma designação, decidimos então mudar para “VOZ DO POVO”, que por coincidência era igualmente o nome de uma outra capa de jornal, passando finalmente para a designação que permanece até hoje “VOZ POPULAR”.

Volvidas 200 edições é com alguma nostalgia que recordo este grande período, impar nas nossas vivências, resultante da mudança do fascismo para a regime democrático, do obscurantismo para a esperança, operado pelo 25 de Abril de 1974, mas também com a sa-

tisfação pelos progressos alcançados, pelas mudanças operadas, que apesar de nem sempre serem as idealizadas refletem, negavelmente, uma melhoria generalizada na qualidade de vida das populações e na instituição de diversos direitos consagrados constitucionalmente.

Neste período conturbado e de alguma incerteza que o mundo atravessa, não é demais relembrar que não existem regimes perfeitos, e que apesar da democracia também não o ser, não há conhecimento de um melhor regime.

Agradeço aos continuadores da “VOZ POPULAR” a dedicação e o empenho na continuidade da sua edição, pela importância que o nosso boletim informativo tem, não só pela função de divulgar os principais acontecimentos do Pico da Pedra, mas acima de tudo pela sua importância cultural na divulgação da nossa história, pelo registo histórico que lega às gerações vindouras e como incentivo à participação dos jovens e população em geral num meio de comunicação social.

Estou certo que a “VOZ POPULAR” continua a ser aguardada com a mesma expectativa não só pelos Picopedrenses residentes como pelos dispersos na diáspora.

Não querendo cometer algum excesso de afirmação, julgo ser a única Freguesia com uma edição informativa regular, o que também deve ser motivo de diferenciação e orgulho.

“VOZ POPULAR” sempre!





Voz Popular a Casa do Povo

Gualter Furtado
Um Furnense com Bons amigos do Pico da Pedra.

O Presidente da Direção da Casa do Povo, e meu amigo, José Maria desafiou-me a marcar presença na edição nº 200 do Jornal “Voz Popular” e aqui estou com muito gosto.

Escolhi para título deste depoimento “Voz Popular a Casa do Povo”, por me parecer a melhor síntese que podia escolher para definir o serviço que este jornal tem prestado ao longo destes 200 números aos residentes, aos emigrantes e aos amigos do Pico da Pedra já que, por regra, é na nossa casa que depositamos o registo das nossas vidas, e este jornal é um retrato fiel e dinâmico, desde 1975, de tudo o que se passou nesta mui nobre Comunidade Picopedrense. Diria mesmo que se trata de uma fonte imprescindível para a caracterização da sociedade, da economia, da política, do movimento associativo, da Fé, da cultura, do desporto, do carnaval, da juventude, do ambiente, da solidariedade, e das famílias, da Freguesia do Pico da Pedra, principalmente dos últimos 47 anos.

A publicação dos mais variados temas e a participação com artigos, relatos, notícias, informações, poemas, e histórias, de muitos colaboradores com idades e sexos diferentes, formações diversas, tal como origens que extravasam os limites humanos e geográficos do Pico da Pedra, conferem ao “Voz Popular” características

pouco comuns neste tipo de iniciativas e publicações. Por esta razão ele, presentemente, é único, com uma marca que o distingue nos Açores, e não só pela sua longevidade, o que já por si é histórico.

As Freguesias ocupam um papel relevante em Portugal e nos Açores, sendo um erro levar à letra o facto de serem a “menor divisão administrativa”, já que, de facto, são o princípio do nosso ordenamento territorial, político e administrativo, constituindo a base e muitas vezes a explicação do nosso sucesso e insucesso, tal como as Casas do Povo, pelos serviços que prestam na atual fase e relação de proximidade com as populações que servem, são o posto avançado de muitas atividades sociais e manifestações culturais, de que a Casa do Povo do Pico da Pedra é um excelente exemplo e bastaria a sua Biblioteca Onésimo Almeida para o Certificar.

Termino desejando sinceros Parabéns à Casa do Povo do Pico da Pedra por ter abraçado este projeto e realização que é o “Voz Popular”, à sua Direção, a todas e todos os Colaboradores deste jornal, ao Dr. Fernando Alves pelo trabalho discreto, como é seu timbre, que tem desenvolvido na composição do jornal e ao companheiro Osvaldo Cabral, um histórico deste histórico “Voz Popular”.





Edeme Arsénio

REFLEXÕES POR OCASIÃO DO

Nasci e vivi no Pico da Pedra até completar dezanove anos. Concluí o curso liceal em 1965, com a intenção de obter bolsa de estudo e cursar Medicina na Universidade de Lisboa. Tinha familiares do lado paterno em Lisboa e o meu sonho estava mesmo próximo a realizar-se.

No entanto, quase no fim do sétimo ano, o meu pai que sempre me prometera que ficaria em Portugal, escreveu-me a traçar um novo percurso para o meu futuro.

Tinha organizado a documentação necessária e, para meu bem e de toda a família, iríamos todos juntos para Toronto. Estava ciente da dificuldade que teria com a língua inglesa. No entanto, bem pensadas todas as hipóteses que lhe propusera, considerava o seguinte: Sim, sabia que eu tinha bases mais sólidas em francês. Porém a província de Québec não oferecia grandes prospectos para um futuro auspicioso em Medicina.

Estava a par da minha intenção de seguir Cirurgia. Esse sonho seria, sem dúvida, plenamente concretizado num país com mais futuro do que Portugal oferecia. Para mais, se tinha sofrido imenso com a ausência do pai, quanto mais dura não seria ausentar-me de pais e irmãos. A nossa família paterna estava toda em Toronto. Outros viriam.

Doeu-me imenso pensar na resposta que o meu pai me exigia. Após pensar a fundo no que me expunha em detalhe, refleti a sós. Não confidenciei com estranhos e acabei por responder ao meu pai na afirmativa. Mas essa decisão contrária ao que sempre cri ser uma promessa fidedigna por parte do meu pai, que sempre amei e admirei, não escapou ao crivo da minha desilusão. Lentamente me adaptei à nova baliza!... A minha vida futura recebera uma reviravolta nunca dantes imaginada ou desejada!

Felizmente, após noites em branco e profunda reflexão, acabei por transformar o meu sonho para um futuro em Medicina, nos moldes tão inesperados que o meu pai me traçara.

Iniciei nesse verão de 1965, a minha aprendizagem do inglês, utilizando um livro : “Inglês sem Mestre”.

Concluí o meu terceiro ciclo liceal e comecei a fundo a minha preparação para a longa viagem para o Canadá. Foi um verão muito difícil. Surgiram pressões por todo o lado. Exames médicos, a inspeção de saúde, a venda da nossa casa e mobiliário e a mudança para casa da minha avó. Passaportes, registos criminais, foram preparados e no seu tempo chegaram às prestações. Ainda contemplei seguir antes da minha mãe e irmãos, mas a minha mãe opôs-se a pés juntos!

Continuei a auxiliar as Irmãs do Coração de Jesus na Infantil. Acelerei a minha cooperação na Catequese. Tinha uma máquina de dactilografar e com ela iniciei um longo processo de actualização das fichas para todos os alunos da Catequese.

Organizei todos os meus livros do terceiro ciclo, os únicos que possuía em primeira mão. Tinha estudado utilizando livros que meticulosamente forrara para que pudessem ser-

vir para a filha mais nova da minha madrinha Conceição Sarmento. Serviriam para os mais novos.

Ao reconhecer que as limitações de bagagem eram restritas, descobri que não podia levar os meus tesouros. Não era roupa, não, eram simplesmente as sebetas que tinha em ordem. com todos os meus tesouros: apontamentos de sete anos de estudos secundários.

O meu tio era um leitor profundo e prometeu guardar-me tudo até um dia poder ir levando aos poucos. Um sonho de juventude que nunca se concretizou. E, ainda hoje a meio da minha sétima década de vida, continuo ainda a sofrer ao ter que despojar-me de livros e de outros tesouros que arquivo. Numa casa de reduzido espaço, já tive de doar mais de cem caixas de livros para países menos bafejados pela sorte. Esses nunca incluíram livros portugueses.

Na mala ainda consegui levar quatro livros que não consegui abandonar:

“O Homem esse Desconhecido” de Alexis Carrell

“A Peste” de Albert Camus.

“Corpos e Almas” de Maxesce

Inconfidências de um Médico” de B.Masci.

Na bagagem de mão, levava “Retalhos da Vida de um Médico” de Fernando Namora, oferta da amiga de sempre Arlete Rangel. O resto dos livros dele adquiriria mais tarde.

Aguardar pela documentação necessária antes de partirmos, contribuiu para um período de impaciência e instabilidade. Andar num limbo de incerteza, para uma pessoa como eu, que queria iniciar a senda de um novo futuro, não foi fácil.

Chegaram os documentos, comprámos as passagens, mas a alegria que antecipava, dissolveu-se em breve. As despedidas de todos os que amamos e nos cederam o que somos, foi imensamente dolorosa. Silenciosamente, percorri as ruas de Ponta Delgada, e todos os recantos do meu Pico da Pedra. Se me perguntavam quando íamos partir, instintivamente queria evitar a resposta, mas em muitos casos, aproveitava para dar um abraço de despedida.

O adeus definitivo surgiu quando fizemos a via sacra da família. O senhor Padre Joaquim que sempre admirei na sua frontalidade, não estava em casa. Aguardámos com a prima que nos ofereceu chá e bolachas, mas acabámos por deixar uma mensagem de adeus.

As amigas da Ação Católica vieram despedir-se a casa da minha avó. Como me doeu aquele adeus. Os anos e as horas que dedicámos e vivêmos em grupo deixaram marca.

Muitas das pessoas mais próximas e mais velhas, ofereceram ladainhas de desculpas, autênticas confissões das suas faltas...Essas sim comoveram-me. Confesso que, em certos casos, teria preferido ignorar esses fatores da vida humana que hoje reconheço, mas na altura ignorava. Sirva de exemplo os parabéns por boas notas, que sempre recebi, mas nesse momento de adeus, se dissolveram em falta de sinceridade e inveja. Tudo perdoei. A despedida serviu de lição de maturidade que adquiri inesperadamente. Entrei a idade de maioridade psicológica nesse dia!

Custou-me imenso deixar as amigas mais íntimas e os grupos aos quais pertencia:

DUOCENTÉSIMO NÚMERO DO JORNAL VOZ POPULAR

A Catequese, a Ação Católica e o Coro.

No dia de Santa Bárbara, deixámos a minha avó sem a filha e os cinco netos. Mas o Campo de Santana mandou-nos regressar mais uma vez a casa. Apenas no dia seguinte, 5 de dezembro, porque todos os amigos que vieram acenar-nos um adeus final, já não voltaram porque era cedo, e era domingo. Evitámos esse doloroso adeus.

Fomos todos à Eucaristia...e nesse dia saímos de Santana para Santa Maria, de lá para Mirabelle em Montreal. Os voos conjuntos duraram muitas horas para viajantes virgens. A hospedeira da Sata era de uma simpatia impressionante. Trazia numa cestinha com rebuçados que distribuía à mão-cheia. Éramos os únicos viajantes naquele voo, tão baixinho. Lá nos ia explicando os pontos mais importantes da ilha. Depois, era só mar e, em breve, estávamos no Aeroporto de Santa Maria. Apontou-nos o avião que nos levaria ao Canadá.

O segundo voo foi muito diferente. Açorianos preenchiam o voo. Éramos muitos! Eu envergava um fato da mesma cor dos fatos das meninas do voo. E as pessoas maiores, todas dos Açores, puxavam-me pelo braço: "A menina fala português. Que Deus a abençoe. Leve-me à casa de banho, por favor". Eu ia acompanhar a minha família toda, incluindo a minha mãe. Éramos todos viajantes-virgem, mas por qualquer motivo, pensaram que eu era profissional.

Servi de intérprete em francês à minha família, em Mirabelle. E uma hora e tal mais tarde estávamos em Toronto, onde o meu pai mais envelhecido e comovido nos abraçou. Só dizia: "Já são todas mulheres!" Os dois tios Francisco e Júlio, estavam também à nossa espera. Trouxeram-nos nos dois carros: os meus pais e os meus irmãos mais novos num e as meninas já mulheres no outro.

Era uma noite densa e gelada em Toronto. A minha tia Antónia, mulher do meu tio Francisco com os dois filhotes aguardava-nos na casa que o meu pai preparara. O jantar simples lá nos aguardava. Assim começou a primeira diáspora para mim.

A Diáspora soa muito bem a quem nunca viveu nela. O clima duro de Toronto, a falta de agasalhos próprios para a família que ignorava não só os rigores do clima assim como a adaptação à família.

O irmão mais novo na altura, o Jorge, não se lembrava do pai que o deixara aos 2 aninhos. Aos 8 anos, olhava o pai... e baixava os olhos. "Eu era um bebé, repetia ele, quando o pai embarcou para o Canadá". O Carlos que adorava o meu pai, estava mais à vontade. Nos seus onze anos, possuía uma memória mais viva do pai.

Toronto em dezembro era uma cidade escura, fria, de casario de tijolo, eléctricos atrelados a fios que cruzavam as ruas. A neve saudou-nos logo no segundo dia.

E eu feita corajosa, insisti em ir com a minha mãe dar um passeio a pé para conhecermos a cidade um pouco melhor. Vamos lá, levei um bloco pequeno com a direção da nossa casa. Não nevava quando saímos. Mas muito em breve, a poucas ruas de casa, a neve começou a cair em grosso, obscurecendo todos os meus pontos de orientação. Ficou tudo envolto num lençol de neve! Perdi os meus pontos de referência. Mal agasalhadas, a noite surgiu pouco depois das 16 horas. Autocarros, eléctricos, e novelões de neve adensavam e impediam-me de ver. Em breve encontrámos um polícia

sorridente. Não sabia como dizer-lhe em inglês que estávamos perdidos, mas consegui indicar-lhe que estávamos em Toronto apenas havia dois dias e que morávamos naquela direção. E numa solicitação urgente: "Por favor, senhor polícia, leve-nos a casa! Altíssimo, meigo e sorridente, deu-nos o braço e assim chegámos a casa. O meu pai aguardávamos à porta. Agradeceu ao polícia e perguntou-nos o que tinha acontecido. Onde tínhamos ido? Confessei a minha aventura que falhou. O meu pai preparou-nos melhor. Mostrou-me como se utilizava uma cabine telefónica e onde se encontrava. Deu-me moedas e aconselhou-me a estudar as previsões de mau tempo que seria contínua em dezembro.

Muni-me de dois dicionários: um Inglês-Português, o outro Português-Inglês. Andava com eles sempre. Iniciei a peregrinação de humilhantes episódios, trabalhos difíceis. A jornada na Diáspora de Toronto, cujos primeiros passos foram os mais difíceis. Encontrámos uma Igreja Portuguesa próximo de casa, fomos as três manas à escola de Inglês para Novos Canadianos, à noite. Trabalhei no hospital onde mais tarde viria não como limpa-mesas ou lava-pratos, mas como médica que conseguiu auxiliar muitos portugueses nos momentos mais difíceis da vida.

A minha mãe morreu pouco antes de ter concluído o meu Curso de Medicina.

Estava tão feliz porque eu vinha inserir-me naquele hospital... tão conhecido em Toronto, onde nasceriam poucos meses depois os meus filhos que ela nunca teve o prazer de conhecer. Ficámos todos nós e o meu irmão mais novo nascido no Canadá que ainda não completara nove anos.

A minha avó materna, a única que conheci, chorava a ausência da filha e das netinhas que tanto amava. As vizinhas contaram-me mais tarde que a avó chorava no desolamento da nossa ausência. Chorava pelas suas bonequinhas que ia visitar. Mas pereceu nas vésperas de partir para Toronto, vítima de uma simples gripe, disseram.

Após terminarmos o curso, fui com o Faustino, meu marido e colega de curso, a S. Miguel. Insisti que tinha de ir visitar e abraçar o meu tio, o último familiar próximo que tinha em S. Miguel, antes de iniciar a minha vida como médica. Fui abraçá-lo e dizer-lhe que a família nunca o esquecerá. Pouco tempo depois, encontraram-no morto na cama, no meio de uma pilha de livros, o candeeiro aceso e uma caneca de chá na mesinha de cabeceira com metade do chá. O Delegado de Saúde com quem falei, assegurou-me que tinha sido um problema cardíaco e que a morte teria sido repentina e sem sofrimento. Assim desapareceu para sempre a família mais próxima com quem vivi e cresci.

Estávamos em 1976. Encontrei a Ilha amada em grande tumulto. O Liceu estava em desalinho com grafitti nas estátuas e na calçada.

As próprias igrejas estavam também no mesmo estado. Em nome da liberdade. Muito mudara.

Não tive tempo nem oportunidade de visitar todos os que significavam tanto para mim. Passei pela casa do senhor José da Costa, na Avenida. Ligavam-nos laços de amizade e gratidão. Tinha sido ele o amigo fiel do meu pai que acarinhara o meu irmão Carlos. Mas em vez de me pedir para lhe ler a Bíblia, como tantas vezes o fazia, encontrei-o de pé numa caixa vazia de barras de sabão, a declamar frases de timbre socialista e de igualdade. De independência e de liberdade! Nem uma palavra surgiu em prol dos textos bíblicos que

REFLEXÕES POR OCASIÃO DO DUOCENTÉSIMO NÚMERO DO JORNAL VOZ POPULAR

Edeme Arsénio

Conclusão da página anterior

sempre o maravilhavam. E pedia que os repetisse, no bom português que o inspirava. Agradecia-me com emoção.

Tudo tinha mudado. Sim o 25 de abril trouxe justas mensagens de igualdade e liberdade. Perdi alguns colegas na Guerra Colonial, mas trouxe no início, possivelmente no enetar dessa liberdade, exageros que felizmente os anos reorganizaram com mais calma e mais normalidade!

A minha permanência na diáspora de Toronto durou 16 anos.

Iniciei outro percurso noutra Diáspora não mais fácil de aceitar. Dominava bem o inglês nessa altura, mas vim trabalhar num Hospital Psiquiátrico na cidade de Buffalo. Uma sociedade mais ríspida do que aquela que encontrei em Toronto. O povo canadiano é mais dócil.

Os meus filhos nunca receberam suporte monetário ou emocional do pai, infelizmente. Tive, por isso, de servir de pai e de mãe. Cedi-lhes tudo o que sou e tenho. Mudámo-nos de Buffalo para um Estado mais civilizado direi: Massachusetts. Apesar de não estarmos na parte oriental do Estado, levei sempre os meus filhos a todas as festas e actividades culturais tão próprias dos Açores. Cedi-lhes uma educação impecável desde colégios particulares na Inglaterra a viagens para se aperfeiçoarem em línguas estrangeiras. Por isso trabalhei de bom grado. Os dois concluíram Mestrados e receberam todo o apoio de que fui capaz. Infelizmente perdi a minha filha com um tumor maligno cerebral com um prognóstico horrível. Tudo se fez em prol da Anita, mas...pereceu 3 meses depois.

Vivo nesta diáspora. Num bairro de profissionais. Tenho viajado e tido o privilégio de visitar S. Miguel e a metrópole onde tenho a família paterna. Os anos passaram... nunca apagaram nem nunca apagarão os anos mais formativos e tudo o que aliás sou.

Cá em casa é dia de festa, quando chega a Voz Popular! Imprimo uma cópia para a minha comadre que consegue ler português. Partilho imediatamente a Voz Popular com a minha família em Toronto e amigas de cá. A Lourdes Cabral, hoje Teixeira e a Maria José Brum recebem-na sempre.

Releio a Voz Popular para não me esquecer do mínimo detalhe. Gosto de saber os detalhes da nossa gente. Reconheço muitas pessoas que contribuem. No entanto, apesar de haver muitas famílias que desconheço, existem outras que ainda reconheço com facilidade. Noto com infinito orgulho que o jornalzinho que nasceu pequenino e simples hoje obteve um calibre superior. Sim, a VOZ POPULAR tem categoria, sim senhores!

Não apenas relembro, mas sonho ainda com acontecimentos que tiveram lugar há tantos anos em S. Miguel. Na mente e no coração revejo e recordo com muita nitidez os cantinhos do Pico da Pedra, da costa norte e os detalhes precisos de Ponta Delgada. Perguntava sempre por esta ou aquela árvore, aquela latada que produzia glicínias e rosas com aroma excepcional. Recordo as árvores de frutos deliciosos que partilhavam conosco.

Na primeira visita à Casa do Povo, tive de acariciar o lindo montrosídero que conhecia quando visitava a família Rangel. Uniam-nos laços de amizade que o tempo nunca apaga.

Quando visito a casa do Vasco e da Odete, tenho de percorrer aqueles cantinhos todos. Notei que a lindíssima ameixeira morreu. Ainda me lembro de acenar com um lenço à minha madrinha da casa que hoje pertence à família Cansado. A casa da Tia Ricardinha, hoje propriedade do primo Octávio, foi um dos pequenos paraísos da minha infância. Acompanhava-a sempre. Fui recebedora das suas histórias, dos seus mimos. Na altura das colheitas, vinham as primas todas...ajudar nas tarefas próprias da estação. Cantavam, debulhavam o milho, amarravam o milho. E eu acompanhava-a sempre à eira, adjacente. O granel ficava ao mesmo nível da casa. Colhia-lhe os ovos, e na sala, ouvia as suas histórias dos tempos de menina e moça. Os almoços em família eram o ponto alto do fim do verão.

O tempo das vindimas era tempo de festa! E deixavam-me entrar no lagar e esmagar uvas antes de o encherem. Santos tempos de simplicidade, comunidade e alegria!

Não passo nunca por Ponta Delgada, sem perfazer a minha rotina: Visita ao Santuário da Esperança, oração da manhã na Matriz, acariciar o montrosídero imponente do Campo de S. Francisco, recolher os três jornais locais para ler com a primeira chávena de uma meia-de-leite que apenas a Colmeia sabe preparar. De tarde, vou aos jornais do continente e tomo a minha segunda e terceira chávena na Colmeia. A tertúlia com primos e amigos reúne-se na Colmeia onde o empregado predilecto, cobre as três mesas com uma toalha branca, acende duas velas e diz: "Ah, as senhoras estão cá!"

Cá continuo a minha jardinagem. As flores estão estrategicamente ordenadas para me transportarem a S. Miguel. As azáleas estão quase em flor. Transportam-me à quinta da minha avó, nas Pedreiras. As hortênsias florescem mais tarde, mas essas trazem uma amplitude maior: lembram-me a Ilha em flor nos verões da minha infância. As glicínias que levaram mais de três anos a florescer, fizeram sentir a sua presença há dias: O aroma delicado e a abundância dos lindos cachos trouxeram-me lágrimas aos olhos. Tinha mesmo contemplado arrancar este arbusto que várias vezes se aproximou da destruição nas ventanias desta zona. E nunca produzia flores! Cresci com estas flores no quintal da minha avó que tanto as apreciava.

Por favor, nunca me chamem emigrante, se é certo que parti...trouxe na alma a Ilha onde nasci e no coração todos os que me viram crescer e com quem convivi nos anos mais formativos da minha vida. E acrescento, nunca deixei a Ilha. Trouxe-a na alma! Ainda cá está e perecerá apenas quando eu ultrapassar esta vida!

Ainda penso em regressar – se possível- às tertúlias na Colmeia e ao delicioso café a famosa meia-de-leite -que só lá tem o aroma e a doçura da autenticidade.

Parabéns à Voz Popular. A infinita gratidão desta picopendense que muito e para sempre se orgulha de ter nascido e crescido na "Coimbra micaelense".

Por tudo, o meu bem haja ao povo ao qual pertenço.

LEMBRANDO O QUE SOMOS...

Edison (Pedro Alves)

Maio 2022



O Pico da Pedra!

Com quase duzentos anos de existência,
E a sua "Voz Popular",
O Jornal local, no número duzentos!
Em "Grito" de protesto e de afirmação,
Na tradição da "Alma" da sua gente!

Terra de interior, afastada do mar
Com dois Polos antigos de "riqueza".
O do lado Norte, retratado por uma figura aristocrática
e de fina autoridade esbelta. Um vulto quase sempre ausente!

E no caminho do Sul, um outro símbolo ligado à lavoura produtiva,
uma figura pícnica, de "mãos" abertas às festas populares.
Um, Agnelo e o outro (João Luís) da Câmara.
Dois mundos distintos, dando trabalho,
Arrelias e divisões e descontentamento.

E as Ruas batizadas com nomes de Nobres e Doutores
Ou de Engenheiros, que trouxeram luz e água
Em primeira linhagem de compensação
Na luta diária e de mísera reivindicação!?

E no meio, gente anónima na sempre labuta
de sobrevivência, com sonhos de fuga
Ou de afirmação ou de leitura ou de escrita
para quem não tinha o caminho das Américas!

E havia os Botelhos, os Martins e muitos outros.
E o ti José Cabral Gadelha, anarquista no gesto
E o ti José Oliveira, analfabeto da escrita,
Misturando saberes agrícolas e de "enxerto".

Havia alegrias de triste sina por um campo de futebol
Em carta entregue ao "supremo" da Nação!

E outros "gritos" por valores e dignidade à miséria existente,

E sem qualquer lamento, por melhoria de rua e de iluminação

Na direção da "Lomba", uma "terra" triste, de tristeza descontente.

E a geografia agora desta nossa Terra, em Cruz de Cristo?
Aparece bem desenhado, o espaço em crescendo da Avenida:

*A América no Pico da Pedra,
Com Casas e Vidas de sonhos concretizados!*

E a "Voz Popular" tem feito eco deste milagre!

Em convivência e em resposta social,
Apostando na criança e nos jovens em gesto cultural,

Em campo de futebol e outros espaços desportivos,

Uma longa e velha esperança persistente e sem turva de desalento

Em liberdade, com a certeza de evitar o resgate do esquecimento!

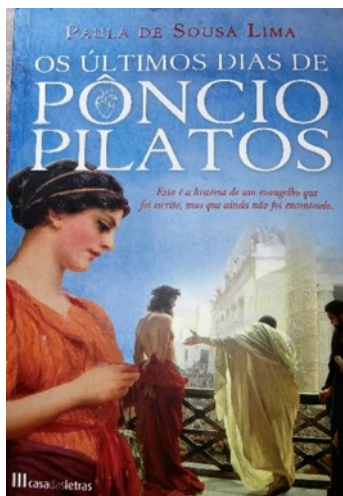
Parabéns "Voz Popular" pelas duzentas Velas de Vida!



"Momentos..."

“Dois Livros por Trimestre”

Luís Almeida



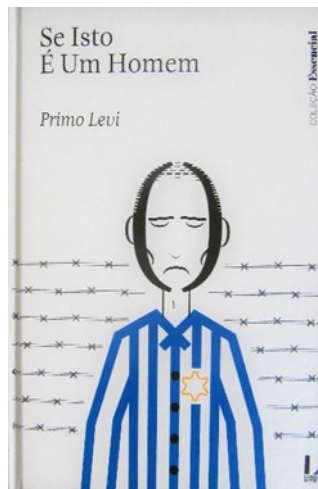
Nesta “história de um evangelho que foi escrito, mas que ainda não foi encontrado”, convivemos com um homem, no presente, dilacerado e profundamente arrependido do seu passado de violência, de crueldade, de corrupção e de leviandade. É Pôncio Pilatos, cuja consciência lhe pesa por ter lavado as mãos (“Eu não encontro nele nenhum motivo de condenação”, João 18, 38), que escreve sobre o ato hediondo de ter aceitado cobarde-

mente a condenação de Jesus na cruz e que procura incessantemente a resposta à pergunta “o que é a verdade?”...

Acompanhamos também a sua esposa, Cláudia, figura feminina que ganha projeção por causa do seu dom de premonição – faculdade que lhe permite dominar tudo na narrativa. Apresenta-se sempre nos bastidores da vida do marido, mas a sua influência é tal que acaba por ocupar o centro da história – tal como se adivinha na capa do livro que constitui um pormenor do quadro “Ecce Homo”, de Antonio Ciseri, acrescido da figura de Cláudia em grande destaque.

Aconselho, pois, vivamente a leitura deste romance intenso e intimista, em especial, nesta quadra natalícia, já que nele reconhecemo-nos a nós mesmos, seres humanos que somos capazes do pior, mas também nos arrependemos genuinamente (e, por isso, sofremos de forma corrosiva!) desse caminho. Algumas vezes, somos perdoados, outras, não o somos!

«[...]por isso, seria talvez legítimo perguntar se será mesmo o caso, e se será útil guardar alguma memória desta condição humana anormal.»



«A esta pergunta, sentimos ter de responder afirmativamente. [...] Queríamos levar o leitor a considerar como o Lager foi também, e em notável medida, uma gigantesca experiência biológica e social.»

«Fechem-se entre arames farpados milhares de indivíduos diferentes em idade, condição, origem, língua, cultura e hábitos, e obriguem-se, nesse lugar, a um regime de vida constante, controlável, idêntico para todos e abaixo de todas as

necessidades; é quanto de mais rigoroso um experimenter poderia instituir para estabelecer o que é essencial e o que é adquirido no comportamento do animal-homem perante a luta pela vida.»

Primo Levi, depois de capturado em Turim, por ser judeu, é entregue à Alemanha nazi e vai sobrevivendo no campo de concentração de Auschwitz, na Polónia, entre 1943 e 1945—os dois anos de sobrevivência (e não de vida!) que são objeto deste seu relato, escrito em 1947.

Os 17 capítulos que compõem a obra são narrativa conscientemente dura, crua, dolorosa, asfixiante, cruel, revoltante. A esperança de que o pesadelo iria acabar surge a espaços,

mas apenas para Levi e os seus companheiros se iludirem (ou iludirem os mais frágeis), pois nenhum deles acredita verdadeiramente que iria sair vivo daquele inferno.





Diana Alves

Um OLHAR...

Sobre o que é Ser Feminista

O meu último artigo publicado no Jornal Voz Popular deixou no ar uma questão, considerada um desafio. Hoje, escrevo acerca de *Um Olhar sobre o que é Ser Feminista*.

É preciso repensar atitudes e lutar por uma sociedade mais igualitária e sem preconceitos de género. Trata-se de uma missão a ser concluída por toda a sociedade, sendo um desafio lançando às mulheres e aos homens. Afinal não basta sermos só, nós mulheres, feministas e reivindicar a igualdade de género, os homens também têm um papel fundamental, pois só assim poderemos alcançar um mundo mais justo e igual.

Ao longo do tempo, o feminismo vem recebendo uma especial atenção da opinião pública, um tema de debate que não é apenas importante como também necessário e urgente.

Segundo a nigeriana Chimamanda Adichie, uma das vozes mais poderosas em torno desta temática, notamos que o feminismo não é apenas para as mulheres, até porque, o feminismo não pressupõe a exclusão dos homens. O feminismo pressupõe a igualdade de direitos para todos e não luta para tornar as mulheres mais poderosas do que os homens na sociedade nem evoca o ódio aos homens. A autora deu um verdadeiro impulso à palavra e também à definição de *"feminista"*, defendendo que todos devemos ser feministas. E, de facto, o feminismo é para todos! Mesmo que fiquemos confusos com o conceito, é necessário desmistificá-lo e obter uma ideia coesa sobre este termo. Vale a pena pensar na definição simples e que a podem pensar irreverente, mas o feminismo é a noção implacável de que as mulheres são pessoas. Tem como objetivo melhorar

a vida das mulheres na sociedade.

Neste sentido Chimamanda, diz-nos que feminista é *"uma pessoa que acredita na igualdade social, política e económica dos sexos"*. Eis, aqui, o desafio lançado a mulheres e homens. Cabe a todos nós sermos feministas!

É, moralmente, urgente ter conversas mais abertas de como criar as crianças de modo diferente, de como criar um mundo mais justo para as mulheres e os homens. É, sem dúvida, tempo de sonhar e planear um mundo diferente. Um mundo mais justo, de homens e mulheres mais felizes e fiéis a si mesmos. E o desafio começa em incutirmos que precisamos de criar as nossas filhas e os nossos filhos de uma maneira diferente.



Casa do Povo
Pico da Pedra



45 anos a servir o Pico da Pedra



Luís Miguel Almeida

“Se calhar...”

Logo pela manhã, o chilrear é a inspiração habitual para mais um dia de trabalho ou de fim de semana. Para o pequeno-almoço, o pai vai buscar o pão a um dos supermercados e acaba por trazer os cereais, que já estavam no fim; o queijo fresco vem da queijaria. Enquanto isso, a mãe aproveita para uma rápida corridinha pela avenida ampla, ainda sem movimento e bem tratada.

Depois, o filho apanha a camioneta para a cidade, onde estuda, o pai e a mãe deixam a filha na Escola de 1.º Ciclo e saem para trabalhar. De seguida, e antes de rumarem ao trabalho, o cafezinho para o despertar final é tomado ora num ora noutro café, pois em qualquer um deles são sempre bem-recebidos!

Terminadas as aulas, o filho regressa a casa, lancha, faz os trabalhos de casa e prepara-se para o treino de futebol no Clube da freguesia. Quando não têm treinos, vai para o “sintético” jogar futsal com os amigos ou fica sentado conversando (e no telemóvel) num dos espaços verdes da freguesia. A sua irmã vai para o ATL da Casa do Povo, depois das aulas, onde lancha, faz os trabalhos de casa, muitas vezes na Biblioteca Onésimo de Almeida, e brinca com os seus amigos, antes dos pais a irem buscar. Às vezes, a filha e os seus amigos fazem atividades em conjunto com os mais idosos, ouvindo histórias antigas que tanto despertam a sua imaginação!

De regresso a casa, os pais dividem-se: ele vai buscar a filha ao ATL e leva-a à Unidade de Saúde para uma consulta de rotina, enquanto a mãe vai à farmácia comprar um xarope para a tosse de primavera dos filhos e faz as últimas compras para o jantar, num dos supermercados; por vezes, também encomendam comida num dos restaurantes. Depois de estarem os três em casa, o pai aproveita para fazer uma caminhada, pagar contas no Multibanco, passar nos Correios para deixar uma encomenda para ser enviada e ainda vai a tempo de ver o final do treino do filho, regressando com ele a casa. Durante aquele jantar, organizam o dia seguinte em que teriam apenas um carro, pois o da mãe iria ser deixado numa das oficinas para a revisão. Aproveitam para falar da necessidade de obras em casa, as quais têm de ser acertadas com os empreiteiros, com a carpintaria, com as serralharias da sua freguesia.

Depois do jantar, às segundas feiras, os filhos têm catequese, e, às quartas, a filha tem ensaios da Filarmónica. Os pais, pelo menos à sexta ou ao sábado, têm por hábito reu-

nir-se com os vizinhos num dos cafés para porem a conversa da semana em dia; os filhos estão, nesse momento e durante hora, hora e meia, na sede dos Escuteiros com os seus companheiros e chefes a organizarem atividades e a conviverem! Em especial, o pai gosta de assistir às reuniões de Assembleia de Freguesia e a mãe, sempre que tem disponibilidade, participa em formações ou outros eventos do seu interesse promovidos pela Junta de Freguesia ou pela Casa do Povo ou pela Igreja.

Aos fins de semana, a família aproveita para relaxar, por exemplo, visitando um dos Parques com muitas flores e muitas árvores e equipamentos para a brincadeira, em especial para a filha, ou andando de bicicleta ou simplesmente caminhando. Nos fins de semana de bola, não perdem os jogos do filho e de outros escalões do Clube da freguesia; se a Filarmónica tem espetáculo, é certo estarem todos presentes para ouvir a filha e os seus restantes companheiros! O primeiro sábado de cada mês é o momento escolhido para todos irem a uma das cabeleireiras para arranjam e cortarem o cabelo.

Esta família só vive aqui ainda há cerca de cinco meses, mas acredita que muito ainda há para conhecer nesta sua freguesia. Vontade não lhes falta e, por isso, vão conversando com os vizinhos e vão lendo o “Voz Popular”, um jornal da freguesia, da responsabilidade da Casa do Povo, e que é deixado na sua caixa de correio de três em três meses. Aguardam com expectativa o número 200...

Viva o Pico da Pedra!





Mariana Couto
Fisioterapeuta

90" para melhor chegar aos 90

Este é um simples tópico que não acompanha as 200 edições deste nosso Jornal picopedrense, que quando comecei eu ainda não existia nem em pensamento, mas fui crescendo habituada a vê-lo lá em casa dos meus pais, edição após edição. Agradeço neste momento fazer também parte dele pela 6ª edição, podendo dar de alguma forma um pequeno contributo às pessoas desta freguesia que me diz muito, a quem espero poder ser útil. Este tem como objetivo, com uma breve leitura (cerca de 90 segundos, como o título pretende enunciar), dar uma pequena dica, muitas vezes relativa a “pequenos pormenores” que não damos importância no dia a dia, mas que fazem muita diferença na nossa saúde a curto e longo prazo, de forma a chegarmos a idades avançadas com melhor qualidade de vida. Porque de que vale sobreviver até aos 90 anos, se não tivermos a saúde necessária para realmente os viver?

Foi nesse sentido que a Fisioterapia também se desenvolveu, ajudando a dar mais vida aos anos que a Medicina permite viver.

O período em que foram publicadas as 200 edições deste Jornal, de 1981 até aos dias de hoje, foi um tempo de grande evolução em muitas áreas, incluindo na saúde. Em 40 anos, a esperança média de vida em Portugal aumentou cerca de 10 anos (de 71,8 a 81,2 anos), fruto do grande desenvolvimento da Medicina e avanço tecnológico que permitiu procedimentos mais sofisticados e eficazes de investigação, terapêutica e diagnóstico. Neste mesmo período, a Fisioterapia sofreu também um crescimento exponencial em Portugal, sendo atualmente a terceira maior área de prestação de cuidados de saúde e a profissão mais representativa na área da reabilitação. Entre as muitas áreas de intervenção da fisioterapia, destacam-se a reabilitação de lesões músculo-esqueléticas, neurológicas, cardi-

orrespiratórias, intervindo também nas Unidades de Cuidados Intensivos, como foi finalmente melhor reconhecido nas primeiras fases da atual pandemia de Covid-19. Além disso, tão ou mais importante que a reabilitação é atuar na prevenção, tendo esta vindo a ganhar uma atenção cada vez maior por parte dos profissionais de saúde em geral, ao longo dos últimos anos. Entre as várias estratégias, o exercício físico adaptado à pessoa é uma das chaves essenciais para a saúde. Para termos uma pequena noção do impacto negativo do sedentarismo na nossa saúde, a OMS afirma que “só combatendo o sedentarismo, países como Portugal poderiam evitar gastos superiores a 900 milhões de euros por ano”. Este é o impacto económico relativo, por exemplo, a despesas hospitalares, baixas médicas, etc, mas reflete o impacto pior de quem o sofre na pele com a falta de saúde.

É por isso de enaltecer que, ao longo de algumas edições deste Jornal, haja uma secção direcionada para as atividades e desporto realizado aqui no Pico da Pedra, relembrando assim não só os seus triunfos, como a importância da atividade física, desde tenra idade, esperando cativar cada vez mais jovens e adultos. Da mesma forma, agradeço a disponibilidade para poder alugar o salão da Casa do Povo para a realização das aulas de Pilates Clínico, podendo prestar assim um serviço à nossa comunidade, com vista a atuar na dita prevenção e promoção da saúde.

É este também o meu objetivo com este simples tópico, seguindo-se novas dicas nas próximas edições.





Paula Cabral

“Memórias”

Da minha juventude são indissociáveis as memórias dos momentos felizes vividos na Casa do Povo. As tardes de Verão passadas no polidesportivo, a construção do próprio polidesportivo, os ensaios do “Voz da Terra” na velha biblioteca, os bailes de carnaval e de passagem de ano, as noites de convívio no bar, sob o olhar atento do Leonardo, as palestras, as exposições, os debates, os lançamentos de livros, as festas dos emigrantes, as conversas interessantes com as mais diversas personalidades, as reuniões de direção, a preparação dos cursos carnavalescos, as jornadas da juventude, os períodos de férias a trabalhar na OTL, e, claro, o nosso jornalinho “Voz Popular”, que já foi “A Voz”, nos primórdios da sua história.

O presente número celebra a edição 200 da sua publicação, que se traduz em anos de história de várias gerações do Pico da Pedra.

Desde jovem que a “Voz Popular” tem uma influência importante no meu desenvolvimento como pessoa. Foi um jornal, nos primeiros anos de autoria anónima, que nasceu da vontade irreverente de um grupo de jovens que ambicionava intervir na vida da sua comunidade. Um deles era meu irmão e foi talvez nesta altura que forjou o seu interesse pelo jornalismo. O jornal, às vezes, fazia-se na minha casa.

Logo aprendi com a “Voz Popular” que a voz coletiva é decisiva e que tem de ser ouvida. Aprendi que a vida de uma comunidade se faz pela união à volta de ideais e da luta pelo bem de todos. Aprendi que a participação cívica é o pilar da democracia, representando o patamar mais nobre da nossa forma de vida em sociedade. Participar na vida coletiva é contribuir para a coesão

social, para a conciliação de diferenças, para um maior grau de harmonia entre todos. Foi esta a educação que tive no Pico da Pedra. Posso dizer que o velho ditado africano “É preciso toda uma aldeia para educar uma criança” concretizou-se em mim e em tantos jovens da minha geração.

É, por isso, que devo muito de mim à minha terra, às suas Instituições, à sua dinâmica, à sua energia, aos exemplos da sua história, aos modelos de vida da nossa gente! A “Voz Popular” foi um grande modelo de determinação e de coragem dado pela geração anterior à minha.

Que esta “Voz Popular” continue a perpetuar, por muitos mais anos, este exemplo cívico que resume tão bem a nossa postura como comunidade. Uma freguesia de carácter forte, cuja aspiração de liberdade e de determinação vem do passado, cuja vontade de alcançar o progresso e o bem-estar das suas gentes caracterizou-se sempre pela firmeza na expressão das suas reivindicações.

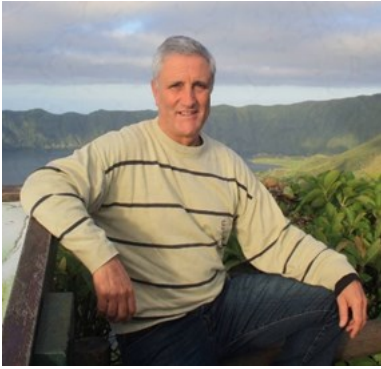
Obrigada ao nosso jornalinho - hoje, é quase uma revista, tal a sua dimensão, mas assim designado com o carinho de sempre - por transmitir tais lições de vida, e igual gratidão à Casa do Povo, que o acolheu e que lhe deu continuidade!

Parabéns à Casa do Povo por mais este serviço prestado e por todo o inestimável trabalho ao serviço da nossa comunidade nestes profícuos 45 anos de existência!



Casa do Povo
Pico da Pedra





Eusébio Couto

Do pico da pedra

Pico da Pedra, maio de 2022

“Good news, is news”

(Email: eusebiocouto@sapo.pt)

1º. Parabenizar antes de mais, a Casa do Povo do Pico da Pedra e todos aqueles, entre eles todos os leitores deste jornal, que com a sua participação, mesmo que só lendo este jornal, foram responsáveis pela sua manutenção, durante as duzentas edições que agora se completam, é para além de justo, também motivador, para os seus responsáveis continuarem na senda de mais outras tantas edições.

2º. Da edição zero, à presente edição número duzentos, decorreram precisamente trinta e nove anos e oito meses, esquecendo para já os cerca de seis anos de edições esporádicas e intercaladas, de 1975 a 1981, é de fato muito tempo para um simples jornal de freguesia se manter a dar notícias da sua freguesia, na sua maioria positivas.

3º. Digo isso, porque ao rever muitas destas edições já amareladas pelo tempo, verifico e confirmo que quase todas as notícias publicadas, contrariam o lema jornalístico atual, de que “good news is no news” ou o de que “no news, good news”, mesmo correndo o risco de as boas serem mais rapidamente esquecidas, visto as notícias negativas serem reforçadas na nossa memória, como muito bem sabem os média.

4º. O tema do ponto anterior daria muito pano para mangas, mas na ducentésima edição deste boletim, prefiro dizer que de quatro folhas/oito páginas que o jornal constou durante muitas edições, atualmente já é publicado com quinze folhas/trinta páginas, o que a meu ver, poderá no futuro se tornar insustentável, ecológica e economicamente falando, salvaguardando claro a devida proporção.

5º. A quase duplicação do custo do papel verificada nos últimos meses, aliada à crescente digitalização e consequente desmaterialização de tudo e também da informação, poderá positivamente forçar o patrocinador deste jornal que é a Casa do Povo do Pico da Pedra a reajustar o formato da Voz Popular.

6º. Pessoalmente, agradar-me-ia por exemplo, um formato híbrido de papel e

digital, em que no papel só seriam publicadas as notícias/artigos de opinião de interesse geral, voltando assim ao formato inicial da Voz, ficando para o digital a versão completa do jornal, possibilitando uma significativa poupança de custos de impressão e papel em toda a apresentação fotográfica e artística do jornal.

7º. Dar voz ao povo, foi logo na criação deste jornal a sua principal razão de ser, interessante também seria, reforçar este mote, com entrevistas a homens e mulheres da nossa freguesia, que mesmo sem darem nas vistas, são gente prenhes de arte e sabedoria.

8º. A ideia expressa no ponto anterior não é nova, desculpem-me a imodéstia, foi lembrada de um artigo por mim escrito e publicado na edição nº. 17 de agosto de 1983, na página oito do ainda intitulado A Voz, cujo título do artigo era: “Valores humanos ignorados” e que começava assim – Nem imaginamos, quanto interessante seria, quanto valor humano encontraríamos, quantos artistas ignorados conheceríamos, se batêssemos de porta em porta das casas do nosso povo na nossa freguesia do Pico da Pedra...





André Oliveira

Considerações

Inflação?

Desde o ano transato, mas sobretudo após o início da guerra na Ucrânia, que ouvimos os peritos e políticos a falar que a inflação está a crescer de forma acentuada. Mas o que é a inflação? E porque se teme tanto o seu crescimento descontrolado?

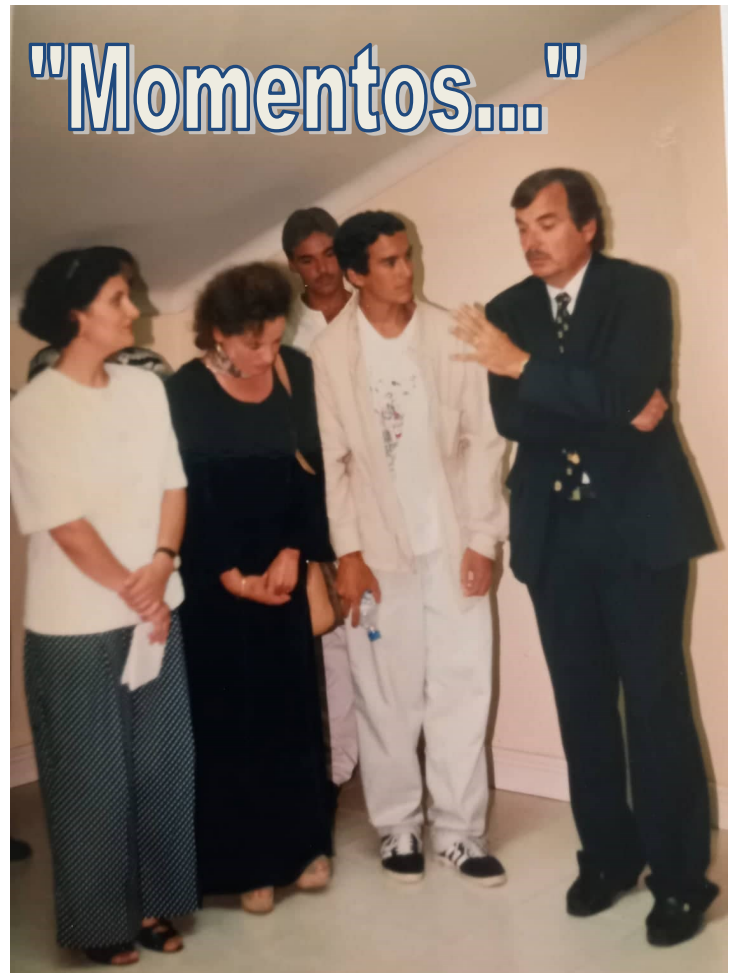
A inflação, por definição, representa a subida generalizada dos preços dos bens e serviços numa dada economia. Isto significa que, com inflação, os preços de um mesmo cabaz de bens e serviços está a aumentar ao longo do tempo. Por exemplo: se, num determinado mês, com 100 euros podemos comprar 100 unidades de qualquer bem ou serviço, uma taxa de inflação mensal de 10% significa que o mesmo cabaz de 100 unidades passa a custar 110 euros no mês seguinte.

Caso os rendimentos das famílias não acompanhem a inflação, há uma evidente perda de poder de compra, uma vez que o mesmo salário permite a compra de menos bens e serviços. Esta é a situação que se encontra a ser discutida no âmbito do Orçamento de Estado de 2022. Deverá o Estado proceder à atualização dos salários com base na inflação esperada para o ano de 2022?

É evidente que, do ponto de vista das famílias, a resposta é clara. Ninguém querará perder poder de compra ou qualidade de vida. Mas a análise do ponto de vista do Estado não é tão evidente.

Ao contrário da taxa de inflação, que pode ser alta por períodos longos de tempo ou apenas de forma pontual, podendo até seguir-se de deflação (oposto de inflação, que representa a descida generalizada dos preços), a subida das despesas com salários pelo Estado é, na maioria dos casos, permanente e irreversível. Há, ainda, o receio que esta subida de salários possa potenciar ainda mais inflação, uma vez que poderá representar maiores custos de produção para as empresas – e, consequentemente, maiores preços – sobretudo se se viverem um período de baixo (ou nulo) crescimento económico, gerando o fenómeno da estagflação (inflação sem crescimento económico).

Esta é uma situação complexa e para a qual não há respostas definitivas. Mas a verdade é que será complicado sustentar a nossa (frágil) economia e baixos rendimentos das famílias a elevadas taxas de inflação. Mesmo que a alta taxa de inflação que existe atualmente seja temporária, podemos assistir a uma manutenção dos preços altos caso não exista um ajustamento dos preços (veja-se o caso da energia e combustíveis). Este é um período bastante incerto, mas que será necessário tomar medidas para evitar uma deterioração da qualidade de vida das pessoas, com as classes médias e baixas a serem, naturalmente, as mais afetadas por estas subidas de preços.





José Francisco Tavares Lopes

Recordações!

“Você será julgado de qualquer forma, portanto, seja você mesmo”

Recordando a descrição da forma como são realizadas as aulas de Direito, por alguns professores, atingiu-me, com saudosa recordação, a história que agora vos apresento.

Nada melhor para explicar uma situação tão normal e verdadeira nessa vida do que apresentar-vos a magnífica tradução do ilustre MARTIN LUTHER KING:

“Uma manhã, quando o nosso professor da aula de «Introdução ao Estudo do Direito» entrou na sala, a primeira coisa que fez foi perguntar o nome de um aluno que estava sentado na primeira fila:

- Como te chamas?
- Chamo-me Juan, senhor!
- Sai da minha aula e não quero que voltes nunca mais – gritou o desagradável professor.

Juan ficou desconcertado. Quando voltou a si, levantou-se rapidamente, recolheu as suas coisas e saiu da sala. Todos, tal como eu próprio, estavam assustados e indignados, porém ninguém falou nada.

- Agora sim! E – perguntou o professor – para que servem as leis?

Seguíamos assustados, porém, pouco a pouco começamos a responder à sua pergunta:

- Para que haja uma ordem em nossa sociedade!
- Não! – respondeu o professor.
- Para cumpri-las!
- Não!
- Para que as pessoas erradas paguem por seus atos!
- Não! Será que ninguém sabe responder a essa pergunta?
- Para que haja justiça! – falou intimamente uma garota.
- Até que enfim! É isso... para que haja justiça. E, agora, para que serve a justiça?

Todos começaram a ficar incomodados pela atitude tão grosseira. Porém, seguíamos respondendo:

- Para salvaguardar os direitos humanos...
- Bem e que mais? – perguntava o professor.
- Para diferenciar o certo do errado... diz um.

- Para premiar a quem faz o bem... diz outro.
- Okay! Não está mal. Porém... respondam-me a esta pergunta: Eu agi corretamente ao expulsar o Juan da sala de aula?...
- Todos ficaram calados, ninguém respondia.
- Quero uma resposta decidida e unânime! – diz o professor.
- Não!!! – respondemos todos numa só voz.
- Poderia então dizer-se que cometi uma injustiça, não?
- Sim!!! – responderam todos.

- E porque é que ninguém fez nada a esse respeito? Para que queremos as leis e regras se não dispomos da vontade necessária para praticá-las? Cada um de vocês tem a obrigação de reclamar quando presenciar uma injustiça. Todos! Não voltem a ficar calados, nunca mais! Vá buscar o Juan – disse o professor olhando-me fixamente.

Naquele dia recebi a lição mais prática do meu Curso de Direito:

QUANDO NÃO ENFRENTAMOS NOSSOS DIREITOS PERDEMOS A DIGNIDADE E A DIGNIDADE NÃO SE NEGOCEIA.

O que me assusta não são as ações e os gritos das pessoas más, mas a indiferença e o silêncio das pessoas boas.”





Teófilo Braga

O mocho: um pico-pedrense quase desconhecido

Há quarenta anos que sou ativista pela defesa do património natural dos Açores. De entre as espécies que mais me chamam a atenção e que merecem ser respeitadas, destaco as duas únicas aves de rapina que nidificam nos Açores, o milhafre ou queimado (*Buteo buteo rothschildi*) e o mocho, também conhecido em alguns locais dos Açores por coruja (*Asio otus*).

Preocupado com a perseguição movida às aves referidas, em 1982, na qualidade de membro do Núcleo Português de Estudos e Proteção da Vida Selvagem participei numa campanha para a proteção das rapinas dos Açores, através da distribuição de um desdobrável informativo.

Nos últimos dias de 1983 e no primeiro dia de 1984 colaborei na montagem de uma exposição de cartazes, que esteve patente ao público da Junta de Freguesia do Pico da Pedra, com o objetivo de sensibilizar a população para o dever de proteger o ambiente. Na altura o desdobrável referido, que se intitulava “As rapinas precisam da nossa ajuda”, foi profusamente distribuído.

O mocho, também conhecido em Portugal continental por bufo-pequeno, é uma ave de rapina noturna que, de acordo com Pedro Rodrigues e Gerbrand Michielsen, “pelo facto de ter hábitos nocturnos e ser uma espécie com poucos efetivos na região torna-a numa das espécies mais difíceis de observar na região, não existindo dados fiáveis sobre os locais onde nidifica”.

Uma superstição sem qualquer sentido, mas que ainda hoje, infelizmente, perdura é a de que a presença de um mocho é sinal de mau agouro. Assim, no início do século passado, o padre-mestre vila-franquense Manuel Ernesto Ferreira mencionava, no seu texto “os animais na tradição”, publicado seu livro “A alma do povo micaelense”, que o pio de um mocho sobre uma casa pressagiava que naquela iria ocorrer uma morte.

O mocho, que se alimenta de pequenos roedores, lagartixas e insetos, desempenha um papel fundamental no equilíbrio da Natureza, limitando o crescimento das espé-



cies proliferantes e desembaraçando o homem de animais doentes e cadáveres.

Em 1996, no âmbito das atividades dos Amigos dos Açores- Associação Ecológica, foi implementado o Projeto “Rapinas dos Açores” que teve, entre outros, como objetivo o estudo de alguns aspetos da biologia e ecologia das rapinas dos Açores, assim como dos habitats por elas utilizados, tendo sido realizadas várias saídas de campo entre os meses de abril e junho, na ilha de São Miguel. Durante o projeto mencionado foi detetada a presença de mochos nas seguintes localida-

des: Pico da Pedra, São Roque, Capelas, Fajã de Baixo, São Pedro e São José (Ponta Delgada) e Santa Bárbara (Ribeira Grande).

Um recenseamento, efetuado por Carlos Pereira, cujos resultados foram divulgados pela SPEA- Sociedade Portuguesa para o Estudo das Aves, por ter sido fruto de um trabalho de campo que ocorreu apenas em três meses, entre 1 de abril e 30 de junho de 2005, não permitiu acrescentar muito ao conhecimento até então existente.

De qualquer modo, o autor chegou à conclusão de que a espécie “não é muito abundante nos Açores”, prefere “zonas urbanas de S. Miguel, Terceira e Faial” e “parece evitar ainda, as zonas de maior altitude.

No Pico da Pedra, ao longo dos anos temos observado ou ouvido o pio de mochos em locais arborizados situados na Rua das Almas, na Rua Capitão Manuel Cordeiro e na Avenida da Paz.

Através da observação direta, de informações recolhidas junto de moradores ou da escuta de pios cujo som é mais agudo, podemos concluir que a ave tem nidificado na freguesia, nomeadamente nas duas últimas artérias referidas no parágrafo anterior.



Receberam o Sacramento do Batismo na nossa Igreja Paroquial, as seguintes crianças:

03 ABRIL 2022

Aísha Lima Ferreira, filha de Carlos Alberto de Lima Ferreira e de Sandra Antónia Borges Ferreira.

10 ABRIL 2022

Allen Moniz Sezik, filho de Ugurcan Sezik e de Bruna Filipa Moniz Penacho.

Mara Maria Medeiros Oliveira, filha de Ricardo Jorge Cabral Oliveira e de Sara Chaves Câmara Medeiros.

Jorge Ferreira Enes, filho de Marco Nunes Enes e de Kelly Câmara Ferreira.



“ A vida me ensinou... A dizer adeus às pessoas que amo, sem tirá-las do meu coração.”
Fénix Fauline

HOMENAGEM AOS QUE PARTIRAM

Sempre que um dos seus filhos parte do nosso convívio, o Pico da Pedra fica mais pobre.

25 MARÇO 2022

José Hercílio do Couto Tavares, faleceu com 68 anos e era casado com Alda Maria Cabral de Melo Tavares.

28 MARÇO 2022

José Carreiro D`Almeida, faleceu com 90 anos e era solteiro.

07 MAIO 2022

Maria Hironcina Luís Branco, faleceu com 84 anos e era viúva de José Alves Duarte.

Às famílias enlutadas, as nossas sentidas condolências.

A PAZ FLORIU

Há meio século eu parti
Tinha a vida ainda em flor
E o tempo não pesava
Fui cumprir o meu dever
Retirado pelas garras
Dos velhotes do poder
Aprender o ódio a guerra
E sair da minha terra
Armado para matar
Mas porquê? Eu perguntava
Mas ninguém me respondia
Era assim mesmo, era assim
Deixar tudo e partir
Sem certeza de voltar
Eu era apenas um número
Era alguém que disparava
Quer fosse direito ou torto
Estivesse vivo ou morto
Para nada mais contava
Mas eu não me conformava
Não era nenhum herói
Mas não sabia odiar
Preferia trabalhar
A favor desta terra
Porque não fazer da guerra
A primavera da paz
E o dia mais feliz
Que na altura eu vivi
Foi quando a paz floriu
Em cravos naquele Abril

2022/02. G. Bernardo

PRIMAVERA, ONDE ESTÁS

Primavera, onde estás
Neste frio de gelar
No meio deste conflito
Um povo foge aflito
Dos ataques do "irmão"
E as flores não despontam
No meio da destruição
Nem as aves fazem ninho
Nem cantam com carinho
Piam alto e sem medo
Embora a primavera
Passe lá no calendário
Quem mata diz ao contrário
Que ela não deve chegar
Para o mundo renovar
Quem tem este ódio no ar
Apenas pensa na guerra
E escrever nesta terra
O horror e a matança
Pois quem vive nessa ânsia
Tem um coração de gelo
Onde não há primavera
Nem flores, só há a morte
Que ele julga ser Vitória
E assina com sangue alheio
A sua horrível história

2022/03 G. Bernardo

VOZ POPULAR

Propriedade : Casa do Povo de Pico da Pedra
Redacção, Composição, Distribuição
Rua Dr. Dinis Moreira da Mota, 32
9600 PICO DA PEDRA
Telefone / Telefax: 296 490 350
Impressão – Gráfica Açoriana

Faleceu o benemérito picopedrense



Prof. José Carreiro D'Almeida



VOTO DE PESAR

Foi triste! Foi muito triste, receber a notícia do falecimento do Senhor Professor José Carreiro D'Almeida, ocorrido no passado dia 28 do corrente mês de Março. E foi, com profunda consternação e pesar que a interiorizamos, pois apesar de sabermos que se encontrava doente, não se previa um desenlace tão rápido.

O Professor José Carreiro de Almeida foi Presidente da Comissão Instaladora desta Casa do Povo, entre 1976 - 1981, período em que se adquiriu este imóvel e, uma quinta situada a sul, transformada no nosso aprazível parque da **Lusalândia**. Também a ele se deve o início da biblioteca "Onésimo de Almeida" e, a abertura do posto clínico, hoje denominado Unidade de Saúde do Pico da Pedra.

Mesmo residindo há anos em Ponta Delgada, nunca deixou de estar ligado ao nosso dia-a-dia, inteirando-se do nosso percurso, dando sugestões, louvando ou chamando a atenção para alguma situação que, com a sua experiência de vida, achava que não seria a melhor para o Pico da Pedra.

A nosso convite, aceitou ser o palestrante da sessão solene comemorativa do 40º aniversário desta Casa do Povo, tendo apresentado uma comunicação minuciosa, esclarecedora e demonstrativa da sua vasta cultura, incidindo não só sobre o percurso desta Casa do Povo, desde 1977, data da sua fundação, como também, sobre o surgimento das Casas do Povo, em S. Miguel.

Pela meritória atividade realizada em prol desta Casa do Povo, foi-lhe atribuída a categoria de sócio honorário e homenageado na sessão solene já referida.

Recentemente, ele e as suas irmãs Susana e Luísa, fizeram importantes doações à nossa freguesia, nomeadamente, doando três terrenos, nos quais foi construído o Lar para idosos Manuel de Almeida Moniz, o parque Maria das Mercês Carreiro e, um outro onde se prevê que venha a surgir outro parque temático. Foi também por eles instituído anualmente, um prémio monetário no valor de 500 euros ao melhor aluno do Concelho que complete o 12º ano.

A Casa do Povo foi obsequiada com um donativo para ajuda das obras de beneficiação e concretização do nosso Plano de Actividades no valor de cinco mil euros, e oferecida uma interessante coleção de chávenas, de cafés de países que visitou.

A sua partida deixa um grande vazio e o Pico da Pedra e a cultura ficaram mais pobres.

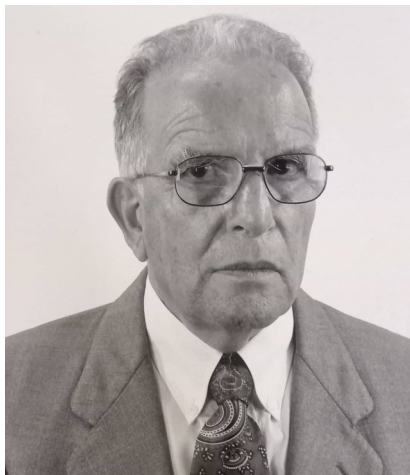
Na pessoa do seu sobrinho e nosso amigo, Professor Doutor Onésimo Teotónio de Almeida, apresentamos as nossas sentidas condolências à família enlutada, com a certeza que os acompanhamos nestas horas de dor.

Assim, a Direção propõe que esta Assembleia Geral aprove o presente Voto de Pesar.

Que seja dado conhecimento à família deste voto de pesar e publicado no Jornal de Junho da Instituição.

Pico da Pedra, 30 de Março de 2022

A DIRECÇÃO



Fundação José Carreiro de Almeida um desejo ainda não cumprido

Onésimo Teotónio Almeida

Em muitas e repetidas conversas do meu tio José Carreiro de Almeida comigo, nos últimos meses da sua vida, sobre os fins de ordem social a dar às suas economias, sugeri-lhe, a pedido seu de ideias a considerar, a criação de uma fundação em seu nome. Nos estatutos, ele especificaria as suas intenções e seria criada uma direção com nomes por ele indigitados. A sede poderia ser a Casa do Povo do Pico da Pedra, uma vez que era sua vontade expressa apoiar especialmente iniciativas da sua terra natal.

Numa conversa telefónica com o José Maria Cardoso Jorge, estando o meu tio presente a meu lado, indaguei sobre o interesse da Casa do Povo no processo. A resposta foi incondicional; no entanto fez questão de frisar que a resposta era apenas do seu ponto de vista, pois teria de consultar a direção. Pouco tempo depois telefonava-me, dando conta do total apoio dos restantes membros.

Porque o meu tio tinha inúmeros problemas burocráticos a resolver depois da inesperada morte da irmã, a minha tia Luísa, que era quem, segundo ele, tratava de tudo na sua casa (e em quem ele depositava inteira confiança e por isso nunca se preocupava com se inteirar sobre pormenores), tive eu de ajudá-lo, em resposta a um veemente pedido seu.

Houve então que tratar de resolver uma infinidade de problemas que estavam em suspenso desde a morte da minha tia, e para os quais o meu tio necessitava de ajuda. Por exemplo, a oferta de uma carrinha ao Lar Augusto Cabido, na Ribeira Grande (que também serve o Lar Manuel d'Almeida Moniz, no Pico da Pedra) — facto que foi, aliás, oportunamente noticiado pela comunicação social.

Só depois de resolvidos muitos trâmites burocráticos, complicados ainda por cima pela ausência de funcionários nas repartições afetados pela pandemia, pudemos iniciar o processo da criação da fundação, que teve de ser interrompido pelo facto de eu ter de regressar aos Estados Unidos para as aulas do segundo semestre.

Ficou combinado que eu voltaria a S. Miguel nos finais de março, na semana de férias da primavera, a fim de completar o processo. Era isso que estava agendado quando, uma semana antes da minha chegada, devido a uma queda, o meu tio deu entrada no hospital, de onde só saiu para a casa funerária.

Foi assim que tudo ficou em suspenso, muito embora eu tenha prometido ao meu tio, ainda na madrugada do dia da sua morte, que tudo faria para cumprir os seus

desejos relativamente ao estabelecimento da fundação com o seu nome. O documento que ele iria assinar perante um notário nesses dias do final de março foi redigido segundo as suas instruções e dizia o seguinte:

A quota disponível será destinada à constituição de uma fundação, preferencialmente designada “Fundação José Carreiro de Almeida”, ou outro nome equivalente permitido por lei, caso o mesmo não seja possível, a qual terá por finalidade a utilização de todo o meu acervo hereditário em donativos de ordem caritativa e obras sociais e educativas, preferencialmente prosseguidos na freguesia do Pico da Pedra, concelho da Ribeira Grande, S. Miguel, Açores.

A quota referida seria um montante de 250 mil euros, o mínimo exigido por lei para se estabelecer uma fundação.

É esta responsabilidade que agora tenho sobre os ombros. Tudo teria sido imensamente mais fácil se, quando vim a S. Miguel nesses finais de março, o meu tio estivesse capaz, como ainda estava em janeiro, de ir pessoalmente tratar de tudo, se bem que ajudado por mim, pois já se sentia bastante debilitado.

O carinho que o meu tio tinha pelo Pico da Pedra era profundo e sincero. Falava da sua querida terra com muita frequência. Sabendo eu disso, numa ida à nossa freguesia para resolver assuntos vários, em janeiro deste ano, descendo a Giesta e passando junto ao terreno que foi dos meus avós e que os meus tios doaram para um parque que terá o nome da minha tia Susana, comecei a cantar - e ele de imediato me acompanhou de lágrimas nos olhos - o nosso hino: *Pico da Pedra pertence....* O resto da letra todos conhecem.

Mal sabíamos - ele e eu - que essa seria a sua última visita à sua amada terra e à casa dos pais, meus avós.





VOTO DE PESAR APROVADO POR UNANIMIDADE EM SESSÃO DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE 28 DE ABRIL DE 2022.

Pelo senhor deputado Fábio Alexandre Raposo Bernardo e Presidente da Junta de Freguesia do Pico da Pedra, foi presente à Mesa o seguinte voto:

O Grupo Parlamentar do Partido Social Democrata da Assembleia Municipal da Ribeira Grande manifesta o seu mais profundo pesar pelo falecimento do Senhor Professor José Carreiro d'Almeida, no passado dia 28 de março com 90 anos natural do Pico da Pedra onde nasceu no 14 de dia de fevereiro de 1932.

Infelizmente, desaparece um homem cuja paixão pelo concelho da Ribeira Grande e muito especialmente, pela freguesia do Pico da Pedra, nos envaidece a todos - uma personalidade marcante e sensível, em especial na vida da sua freguesia.

Frequentou a escola primária no Pico da Pedra, tendo prosseguido estudos no Seminário, que não completou por motivo de doença. Conclui então, o quinto ano num colégio em Ponta Delgada. A sua formação como Professor foi feita no Magistério Primário. Lecionou durante cerca de 40 anos em escolas públicas micaelenses e no Magistério Primário de Ponta Delgada. O sucesso dos alunos e a excelência da formação dos professores foram sempre dois desideratos que defendeu na área da Educação.

Hoje a grandeza e a projeção do Pico da Pedra que contribui para um concelho ainda mais rico e pujante do ponto de vista humano, deve-se também a diversos atos de generosidade do Senhor Professor José Carreiro d'Almeida bem como se explicam pela sua atenta, dedicada e ativa participação na vida social, cultural e económica do Pico da Pedra – apesar de viver em Ponta Delgada há já algum tempo.

A Casa do Povo desta freguesia nasceu com o Senhor Professor Carreiro d'Almeida à frente da Comissão Instaladora. É a ele que se deve a Biblioteca Onésimo Teotónio de Almeida bem como o Posto Clínico da nossa freguesia. A sua ligação à Casa do Povo manteve-se tão forte e ativa que o Senhor Professor fez diversos donativos a esta instituição. Permitindo que muitas das suas atividades e muitos dos seus projetos fossem possíveis de implementar e de desenvolver. Esta dedicação genuína, este seu trabalho e este seu empenho mereceram um justo reconhecimento desta instituição quando tornou o Senhor Professor sócio honorário e quando o homenageou, em 2016 na Sessão Solene dos 40 anos da Casa do Povo do Pico da Pedra.

Ao mesmo tempo, também as diversas equipas da Junta de Freguesia do Pico da Pedra se devem orgulhar de todo o apoio e motivação que o Senhor Professor Carreiro d'Almeida disponibilizou com o objetivo último de termos uma comunidade mais solidária e com mais qualidade de vida.

Por causa da sua paixão pela missão de Professor, a sua profunda e convicta preocupação com o ensino e a educação na Ribeira Grande levaram este ilustre filho picopedrense a premiar anualmente com 500€ ao melhor aluno do 12º ano do nosso concelho.

Por fim, relembramos que os terrenos onde estão o Lar para Idoso Manuel de Almeida Moniz (nome do pai deste benemérito) e o Parque Pedagógico Maria das Mercês Carreiro foram doados por este benfeitor e suas irmãs Susana e Luísa bem como era desta família o terreno onde se projeta a criação de Parque de Atividades Susana Maria Carreiro Moniz na zona das Giestas na entrada principal do Pico da Pedra. Mais recentemente, ele e a irmã, Maria Luísa Carreiro de Almeida ofereceram uma ambulância à Associação Humanitária dos Bombeiros da Ribeira Grande.

Assim, face ao emocionalmente exposto, os membros da Assembleia Municipal da Ribeira Grande eleitos pelo Partido Social Democrata manifestam à sua família e amigos as mais profundas e sentidas condolências nesta hora tão dolorosa para todos, propondo à Assembleia de Freguesia a aprovação do presente Voto de Pesar que, após aprovado, deverá ser remetido à sua família.

O senhor deputado Fernando Cordeiro solicitou o uso da palavra, informando que os deputados do grupo municipal do Partido Socialista associam-se ao voto de pesar.

Colocado à votação, foi aprovado por unanimidade e em minuta.



VOTOS DE PESAR APRESENTADOS EM REUNIÃO DA CÂMARA MUNICIPAL DA RIBEIRA GRANDE A 31 DE MARÇO DE 2022 E APROVADOS POR UNANIMIDADE.

PELA VAREÇÃO SOCIAL DO PARTIDO SOCIAL DEMOCRATA

Faleceu no passado dia 28 de março, aos 90 anos de idade, José Carreiro de Almeida, professor, filantropo e benemérito, natural da freguesia do Pico da Pedra.

Depois de ter completado o ensino primário, na sua freguesia natal, o Prof. Carreiro de Almeida frequentou o Seminário durante quatro anos, tendo em seguida ingressado num colégio de Ponta Delgada, no qual completou o quinto ano e donde transitou para o Magistério Primário. Neste estabelecimento, diplomou-se em Ensino Básico, decorria o ano de 1952.

Iniciou a sua vida profissional como professor na Escola da freguesia de S. José, em Ponta Delgada, tendo também lecionado nas Escolas das freguesias de Fenais da Luz e Fajã de Baixo, assim como na Cadeia de Ponta Delgada. Exerceu também, à data, o cargo de Delegado Escolar. Após esse período, voltou novamente ao Magistério Primário, mas como formador de Didática do Ensino. Foi bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian, no ano letivo de 1970/1971, em França, para uma especialização em "Técnicas Modernas de Aprendizagem". Passou os últimos anos da sua vida profissional como Professor de Prática Pedagógica, no Centro Integrado de Formação de Professores da Universidade dos Açores. Depois de quarenta anos no ensino, vinte e sete dos quais na formação de professores, o Prof. Carreiro de Almeida passou à aposentação, dedicando-se, a partir desse momento, à atividade de Guia Turístico.

Pessoa desprendida e empenhada no bem comum, proporcionou ao Pico da Pedra a existência de um lar de idosos, através da doação de uma propriedade bem localizada, na qual viria a ser construído o designado Lar Manuel de Almeida Moniz, em homenagem ao seu pai.

Junto com as suas irmãs foi também o mentor de outras doações familiares: uma ao Município da Ribeira Grande, constituída por um prédio na Avenida da Paz, o qual viria a ser transformado no atual Parque Maria das Mercês Carreiro, em homenagem à respetiva mãe; e a outra doação, à Junta de Freguesia do Pico da Pedra, constituída por um imóvel, situado no Caminho das Giestas, no qual se projeta também construir um Parque de Lazer.

Mais recentemente, em junho de 2021, Carreiro de Almeida e a sua irmã Maria Luísa, ofertaram à Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários da Ribeira Grande uma ambulância, tendo sido posteriormente agraciados com o crachá de ouro da Liga dos Bombeiros Portugueses (LBP) por proposta daquela associação.

Possuidor de conhecimento e cultura assinaláveis, assim como prestigiado professor, Carreiro de Almeida prestou assinaláveis serviços em prol do desenvolvimento turístico dos Açores e à freguesia do Pico da Pedra, onde foi eleito Presidente da Comissão Instaladora da respetiva Casa do Povo, em sufrágio realizado a 30 de julho de 1977.

Em 1 de junho de 2009, José Carreiro de Almeida foi agraciado pela Região com a Insígnia Autónomica de Dedicção.

PELA VAREÇÃO DO PARTIDO SOCIALISTA

Pelo falecimento do Professor José Carreiro de Almeida Os Vereadores do Partido Socialista na Câmara Municipal da Ribeira Grande, ao abrigo dos termos regimentais e da legislação que norteia a ação dos órgãos autárquicos, as suas competências e as dos seus eleitos, deixam expresso um voto de profundo pesar à Família Carreiro d'Almeida pelo falecimento do Senhor Professor José Carreiro d'Almeida, a 28 deste mês de março de 2022.

Cidadão do mundo, Benemérito por génese, Educador por escolha, José Carreiro d'Almeida, do Pico da Pedra, deixará para sempre a sua marca na Ribeira Grande e nos Açores.

A sua contribuição e a da sua família para a Ribeira Grande e para as Instituições da Ribeira Grande são um pequeno exemplo do valor imenso deste homem que nos permitirá, muito para além da sua vida terrena, usufruir do transporte que ofereceu às nossas Instituições, do parque «Maria das Mercês» (em honra da sua mãe) no Pico da Pedra de que usufruirão as nossas Crianças e Jovens, do futuro Parque Susana Carreiro d'Almeida dedicado a toda a Comunidade, assim como do conhecimento e formação que proporcionou a tantos Jovens que, ao longo dos anos, agraciou com a atribuição de uma Bolsa de Estudo pelo seu desempenho e mérito escolares.

Dizer que a Ribeira Grande ficou mais pobre é dizer pouco sobre a vida e ação do Senhor Professor José Carreiro d'Almeida neste Concelho, pois este homem de visão procurou, com a sua benfeitoria, prover pelas áreas fundamentais para o crescimento e para a igualdade sociais: a Infância/Juventude, o Lazer/Cultura e a Educação/Formação. Estes foram, também, os pilares da sua vida e da sua entrega na participação que teve em Casas do Povo, Instituições, Conselhos Consultivos e em tantos apontamentos críticos que nos lega sobre o estado da Educação e a sua evolução nos Açores.

Pelo seu altruísmo, pela constante solidariedade e entrega, pela abnegada preocupação com a «sua» Ribeira Grande e, acima de tudo, pelo exemplo de Cidadão que foi e que permanecerá na nossa memória, deixam os Vereadores do Partido Socialista expressa esta singela despedida, solicitando que o teor íntegro deste voto de pesar, reduzido perante a grandiosidade da vida do Senhor Professor José Carreiro d'Almeida, seja levado ao conhecimento da Família enlutada, a quem endereçamos pessoalmente sentidas condolências.



No passado dia 28 de março o Pico da Pedra perdeu um dos seus mais ilustres filhos, o Prof. José Carreiro d'Almeida, que partiu para o Pai.

Uma queda, em sua casa, terá sido o motivo do seu internamento no hospital do Divi-

no Espírito Santo, em Ponta Delgada, onde veio a falecer alguns dias depois, aos noventa anos de idade.

Estive com ele dias antes a fim de lhe entregar algo que havia escrito sobre a construção da nossa igreja, ainda inédito e que, num dos contactos telefónicos que tínhamos, ele pediu-me que lhe levasse. Embora vivesse já há muitos anos em Ponta Delgada, gostava de acompanhar de perto o que se passava. “no seu Pico da Pedra”, como ele costumava dizer.

Conheci o Prof. Carreiro, não como seu aluno escolar, mas como seu catequizando, nos meus últimos anos de catequese, para a comunhão solene e para o crisma. Naquela altura ele já nos falava das coisas de Deus de forma muito segura e mais avançada do que outros catequistas, pois, estivera alguns anos no Seminário de Angra. Entre muitas matérias que nos ensinava, recordo, a título de exemplo, esta: ao referir-se aos seis dias da criação diziamos que estes dias não seriam dias como os nossos, de 24 horas, mas de milhões de anos, pois, o tempo de Deus é diferente do nosso. Ficávamos absorvidos pelas suas reflexões e as horas de catequese passavam muito rapidamente.

O Prof. Carreiro era, sem dúvida, uma das pessoas mais ilustres do Pico da Pedra de então e continuou a sê-lo ao longo de toda a sua vida. A ele recorriam as Juntas de freguesia e outras associações para discursar por altura de datas comemorativas. Não só porque o professor Carreiro era um historiador nato, como também tinha bons dotes de oratória. Recordo alguns destes discursos: quando se recolocou, em 1961, uma lápide a assinalar os 20 anos do aquartelamento militar nesta freguesia no descerramento da Lápide na casa onde viveu o Pe. Manuel Soares do Couto, durante as comemorações dos 25 anos da Banda Aliança dos Prazeres; outro dos discursos foi nas comemorações do Primeiro Centenário da Procissão de Nossa Senhora dos Prazeres, no salão Paroquial; discursou também, aquando da colocação da placa a nomear a escola do Pico da Pedra como Escola António Augusto da Mota Frazão; e um dos últimos, que me recordo, foi na Casa do Povo, nas comemorações dos 40 anos daquela Instituição, da qual foi presidente da Comissão Instaladora.

O Prof. Carreiro era um homem da palavra e da escrita. Escreveu para os jornais de Ponta Delgada, nomeada-

Professor José

mente, para o Jornal Diário dos Açores⁽¹⁾, e também colaborou com a Voz Popular, nas suas primeiras edições entre 1975 a 1979. “Coisas que vão esquecendo” eram o título da sua crónica, que versava sobre temas etnográficos da nossa freguesia ou sobre a sua história. Era esse género de crónicas que ele também publicava no jornal de Ponta Delgada, em 1967 e 1968, de acordo com os recortes que possuo desses anos. Como homem da palavra, terá contribuído para um melhor conhecimento dos lugares históricos da nossa ilha, pois durante anos, após se reformar, foi guia turístico tendo sido elogiado por diversas pessoas, entre elas: o professor e filósofo Eduardo Lourenço (1923- 2020) pelas suas intervenções e pelo seu vernáculo.

As tradições populares tinham no prof. Carreiro, um legítimo defensor. O primeiro presépio público que se fez no Pico da Pedra, foi uma ideia sua. Posso testemunhá-lo, em virtude de ter sido a pessoa que ele escolheu para pintar as figuras, em tamanho natural, recortadas em plaxtex, trabalho este que executei e montei com a ajuda do João Manuel Mota e do Carlos Morgado. Desde esse tempo (1977-78), o Pico da Pedra passou a ter o seu presépio público (e anos há, que tem mais do que um). Uma outra iniciativa sua foi a da preparação do Natal de 1978, feita com panfletos, executados pela Voz Popular, (1ª Série 1975-1979) e distribuídos pela freguesia, durante o período do Advento, a fim das pessoas se motivarem para viverem melhor o Natal, quer a nível religioso, mas também ao nível estético, decorando as janelas de suas casas, fazendo um presépio e preparando uma consoada e dando prendas. Também, o Primeiro Concurso de presépios, que ouve no Pico da Pedra, foi obra da Comissão Organizadora da Casa do Povo, da qual o Prof. Carreiro era o Presidente.

Uma outra obra desta Comissão Instaladora foram os passeios das pessoas desta freguesia para conhecerem os lugares de interesse histórico/cultural da nossa ilha. Estes passeios tinham no Prof. Carreiro o seu natural cicerone e provavelmente, sem ele não teriam existido.

Embora a sua lista concorrente à Comissão Instaladora da Casa do Povo, fosse a mais conservadora, o Prof. Carreiro demonstrou, ao ganhar as eleições, que nem sempre o senso comum tem razão, e o seu trabalho e dos restantes membros, em prol do Pico da Pedra, começou por criar raízes, e muitas das tradições que hoje nos orgulhamos de manter, vieram desse tempo. O curso Carnavalesco, foi outras das atividades que nasceu nessa época e foi estruturada de forma a ser uma manifestação diferente do Carnaval de então, em que todos pudessem participar. Saiu à rua pela primeira vez 1979. Hoje, é o melhor curso da Ilha, trazendo ao Pico da Pedra milhares de forasteiros.

A criação da biblioteca, que hoje tem o nome de seu sobrinho: Sala de Leitura Onésimo Almeida, teve o seu início no tempo do prof. Carreiro, e na altura da tomada de pos-

Carreiro D' Almeida

Gilberto Bernardo

se da primeira direção da Instituição, contava já com um milhar de livros.

Durante esse tempo da Comissão Instaladora foram também inaugurados os Serviços Médico Sociais, outra mais-valia, ao nível da saúde, criando condições aos picopedreiros para não se deslocarem fora da sua freguesia.⁽²⁾

O Prof. Carreiro foi um cidadão dedicado ao serviço da sua freguesia e da sua ilha. Nasceu no Pico da Pedra a 14 de fevereiro de 1932. Frequentou a Escola primária local e foi para o Seminário, onde esteve quatro anos, saiu por motivo de doença. Todavia, continuou depois os seus estudos em Ponta Delgada, tendo terminado o (antigo) quinto ano. Ingressou na escola do Magistério Primário, onde completou, ao fim de dois anos, o curso de Professor.

Começou a lecionar aos vinte anos de idade, na freguesia de S. José, em Ponta Delgada, tendo depois sido nomeado para os Fenais da Luz, onde esteve seis anos e após esse tempo, lecionou em desdobramento na Fajã de Baixo e no estabelecimento prisional de Ponta Delgada. Depois foi convidado para ensinar Didática aos aspirantes ao professorado, na Escola do Magistério Primário.

Através de uma bolsa de estudos da Gulbenkian, esteve em França a aprender as modernas técnicas de ensino. Durante quarenta anos esteve ao serviço do ensino, 27 deles na formação de professores, tendo-se reformado depois.

Uma vida dedicada ao ensino tornou o prof. Carreiro, num grande comunicador de conhecimentos. Daí que, após a sua aposentação, tornou-se guia turístico, atividade que havia já experimentado com êxito, anteriormente. A sua vocação para a história e o gosto de ensinar, levaram-no a ser um ótimo e elogiado cicerone.⁽³⁾

O Pico da Pedra teve no Prof. Carreiro um ótimo colaborador em tudo o que dissesse respeito à cultura. Como aqui já referi, foi orador nas cerimónias oficiais promovidas, pelas diversas entidades desta freguesia. A igreja paroquial contou também com a sua participação durante vários anos como catequista. Fez parte da Comissão Organizadora da Casa do Povo local, como presidente, eleito em 1976 até meados de 1981.

Tendo ido viver para em Ponta Delgada, deslocava-se várias vezes à freguesia, para tratar de assuntos relacionados com a sua vida particular e para tratar de uma quinta possuía defronte de sua casa e que depois, ele e suas irmãs, doaram para a construção do Lar de Idosos, imortalizando assim, com essa dádiva, o nome do seu falecido pai Manuel Almeida Moniz. Ainda no campo da benemerência, a mesma família doou um terreno à Câmara Municipal do nosso Concelho, junto à escola primária, para a construção de um parque que tem o nome de sua mãe Maria das Mercês Carreiro; outro ato de benemerência da família foi a criação de uma Bolsa de Estudos ao nível do Concelho e a dádiva à Junta de Freguesia do Pico da Pe-

dra de um terreno nas Giestas, para construção de um parque de merendas, com o nome de Susana Almeida. Aos bombeiros voluntários da Ribeira Grande também ofereceu uma ambulância e talvez outras instituições tenham beneficiado da filantropia desta família.

A 18 de Setembro de 2017, a Junta de Freguesia presidida por João Manuel Amaral Soares, homenageou a família Carreiro D'Almeida, com a atribuição de uma Distinção Honorífica, nas pessoas do Sr. Professor José Carreiro D'Almeida e de suas irmãs, D. Susana e D. Maria Luísa, numa sessão solene que contou com a presença de muitas pessoas.

Posteriormente, a Junta de Freguesia tornou a homenagear a família Carreiro em 2020, embora numa época pouco visível, pois foi durante a época do covid. 19, embora as redes sociais e os jornais tivessem dado a notícia. Nesta Junta de Freguesia presidida por Elizabete Amaral, o cidadão Octávio Botelho, sugeriu para a artéria que ele abrisse para criar um novo loteamento, dar o nome do Prof. Carreiro. Esta pretensão obteve da Junta e de todos os membros da Assembleia de Freguesia o voto favorável.⁽⁴⁾ Assim o nome do Prof. José Carreiro de Almeida, ficará ligado à toponímia da sua freguesia natal. Embora a placa de toponímia não esteja colocada, foi-lhe comunicado, ainda em vida, tal reconhecimento.

Como ele mesmo dizia: "O Pico da Pedra é um poema que a natureza fez e só nós sabemos cantá-lo". Também nós, havemos seguir-lhe o exemplo, dando o melhor de nós pelo desenvolvimento deste poema que é a nossa terra.

Assim o Professor José Carreiro de Almeida, pedagogo e benemérito, irá continuar a ser lembrado com gratidão por quantos irão usufruir daquilo que ele e sua família legaram à sua e nossa terra, O Pico da Pedra.

(1) O Prof. Carreiro escreveu para o Jornal Diário dos Açores, e assinava de diversas maneiras: com o seu Nome ou então com AM, outras com CM e CA. Num dos Arquivo de Jaime Correia Dias existem vários recortes dos Jornais: 31-10-1967; 21-09-1967; 11-08-1967; 17-08-1967; 29-09-1967; 25-07-1967; 02-09-19-09-1967; 25-07-1967; 29-07-1967; 5-01-1968; 14-12-1968; 01-01-1968; 13-09-1968.

(2) Bernardo Gilberto, Percurso de Um Povo- edição da C.P. P. Pedra, 2007, fl. 156-158, 160-162.

(3) Os dados biográficos foram colhidos de uma entrevista feita por João Paz, Correio dos Açores, 3-11-2019

(4) Acta da Assembleia de Freguesia de P. da Pedra de 15 de Dez de 2020. Aprovado pela CM RG a 26-01-2022.

Professor José Carreiro D' Almeida

INAUGURAÇÃO DO PARQUE MARIA DAS MERCÊS CARREIRO EM 16/06/2017



A 18 DE SETEMBRO DE 2017, A JUNTA DE FREGUESIA PRESTA HOMENAGEM AO PROF. CARREIRO E SUAS IRMÃS.



Registo fotográfico

HOMENAGEM DA CASA DO POVO DE PICO DA PEDRA NA SESSÃO SOLENE REALIZADA A 02/12/2017 E NA QUAL FOI PALESTRANTE.



HOMENAGEM DA JUNTA DE FREGUESIA EM 2020.



NO ANO 2020, OFERTA DE UM TERRENO SITUADO NA RUA DA GIESTA PARA CONSTRUÇÃO DE PARQUE DE ATIVIDADES.



Professor José Carreiro D' Almeida

Registo fotográfico

OFERTA DE UMA AMBULÂNCIA À ASSOCIAÇÃO HUMANITÁRIA DOS BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DA RIBEIRA GRANDE A 9/06/2021, TENDO NA ALTURA SIDO AMBOS AGRACIADOS COM O CRACHÁ DE OURO DA LIGA DOS BOMBEIROS PORTUGUESES.



INAUGURAÇÃO DO LAR MANUEL D' ALMEIDA MONIZ EM TERRENO OFERECIDO PELA FAMÍLIA e EM JANEIRO DE 2022, OFERECE UMA VIATURA ELÉTRICA AO LAR AUGUSTO FERREIRA CABIDE PARA TRANSPORTE DOS IDOSOS DOS DOIS LARES EXISTENTES



Treinadora picopedrense vence Taça de Portugal de futebol feminino



A picopedrense Mariana Cabral, treinadora da equipa principal do futebol feminino do Sporting, sagrou-se vencedora da Taça de Portugal ao bater o Famalicão por 2-1 no Jamor, com cerca de 14 mil adeptos nas bancadas, o recorde de espectadores numa final do futebol feminino.

Mariana Cabral está á frente da equipa feminina do Sporting há um ano, tendo ainda ganho a Supertaça, frente ao Benfica, que, por sua vez, venceu o campeonato.

Mariana Cabral é natural do Pico da Pedra e desde os tempos de escola no Colégio S. Francisco Xavier, em P.

Delgada, que o futebol faz parte da sua vida.

Chegou a frequentar o polidesportivo do Pico da Pedra, acompanhada pelo pai, que foi jogador das várias equipas desta freguesia, e é sócia do Vitória Clube do Pico da Pedra.

Foi jogadora e campeã nacional pelo SU 1.º de Dezembro, equipa que deixou em 2013, numa fase em que já treinava os escalões de formação do clube. Entre 2012 e 2015 dividiu um estágio no futebol feminino de formação do SL Benfica com trabalhos nos escalões jovens do Palmense, Santa Maria e Estoril.

Chegou ao Sporting CP em 2016, deixando o escalão sub-17 feminino do Estoril para assumir o comando técnico das juniores e equipa B Leoninas, em simultâneo com a coordenação técnica dos escalões de formação femininos. Em julho de 2021, após o título de campeã nacional da 2.ª divisão pela equipa B, assumiu a liderança da equipa sénior feminina.

É licenciada em Jornalismo, tendo desempenhado a profissão no jornal "Expresso".

MARIANA CABRAL UM ORGULHO PARA O VITÓRIA



Em primeiro lugar dar os parabéns à Picopedrense e sócia do nosso clube, pela Conquista da Taça de Portugal de futebol Feminino como treinadora principal do Sporting Clube de Portugal. É um orgulho enorme.

Depois anunciar que o Vitória tudo fará para abrir na próxima época, uma equipa de Benjamins ou Infantis em futebol feminino.

Essa equipa vai ter como "Madrinha" a Mariana Cabral, que estará muito ligada às suas "Afilhadas", quer aquando das suas férias no Pico da Pedra, quer à distância com a visualização de imagens e leitura de relatórios.

Este post serve, igualmente, para mostrar a imagem das nossas redes sociais na época 22-23.

O Vitória não é grande, é ENORME



Casa do Povo
Pico da Pedra



45 anos a servir o Pico da Pedra

PIKAS CUP 2022



Nos dias 9 e 10 de abril, realizou-se o torneio de futebol PIKAS – CUP 2022, com a participação de 13 clubes, que formaram 24 equipas, da ilha de São Miguel.

Trata-se do maior evento desportivo de São Miguel, destinado ao escalão de Traquinhas, organizado pelo Vitória Clube do Pico da Pedra. O evento contou com a participação de cerca de 200 atletas e 36 membros pertencentes às equipas técnicas.

O evento assenta em 3 pilares fundamentais:

1º pilar – Desenvolver o gosto pela prática desportiva

São conhecidos os benefícios da prática desportiva para a saúde física, mas sublinha-se aqui a importância da prática desportiva para uma boa saúde mental.

Treinar ajuda a diminuir o stresse, permite prevenir estados depressivos e de ansiedade, permite um melhor controlo da agressividade e melhora a autoestima, a memória, a capacidade de concentração e as capacidades cognitivas.

Foi tão bom ver os atletas envolvidos, motivados e a experimentarem boas sensações quando conseguem aprender coisas novas no futebol.

2º pilar – Promover a formação cívica

O Pikas Cup tem a importante missão de desenvolver, nas crianças, valores éticos que lhes permitam aprender a respeitar o outro, conhecerem e darem valor às suas competências e capacidades e aprender a jogar de forma justa.

3º pilar – Promover o envolvimento recreativo e cultural

Pretende-se desenvolver um sentimento de pertença e uma

Sandra Furtado
Gabinete da Ética Desportiva

relação afetiva com o clube. Isto faz-se diariamente nos treinos, mas também em momentos como o do Pikas, onde os atletas e seus familiares têm oportunidade de conviver e desfrutar de momentos culturais como os que assistimos neste torneio, através da música, do canto e da dança.

Não é por acaso que não falamos de resultados desportivos como um dos pilares deste evento. O mais importante não é saber quem ganha ou perde. Por esta razão, só no final do torneio foram divulgados os resultados. O essencial é aproveitar a oportunidade de conhecer e respeitar outras crianças e adultos, aprender regras, mas acima de tudo, o mais importante é divertirem-se.

Foi efetuado o levantamento da perceção quer dos espectadores, quer das equipas técnicas, sobre a organização do evento.

Junto dos espectadores, que eram sobretudo familiares dos atletas que assistiram ao torneio, o *feedback* foi muito positivo, tendo sido salientada a excelente organização do evento. Sublinharam a importância dos momentos culturais durante o torneio (música, dança e canto). Deram ainda nota do quanto as crianças estavam a divertir-se, principal objetivo do Pikas-Cup.

Não podemos de deixar de sublinhar uma das principais queixas apontadas pelos espectadores, relacionadas com a inexistência de espaços cobertos suficientes, para proteger da chuva intensa que decidiu visitar o campo José da Silva Calisto, naquele fim de semana. Esta nota vem ao encontro de uma reivindicação do da Pedra, junto da Câmara Municipal da Ribeira Grande, que foi sublinhada junto do seu presidente, Alexandre Gaudêncio, que demonstrou a sua sensibilidade para resolver este problema, através da construção de uma cobertura para a bancada.

Quanto ao *feedback* das equipas técnicas, foi também muito positivo, ressaltando-se o elevado número e a qualidade das pessoas envolvidas na organização do evento; a presença da mascote do Pikas que tanto divertiu as crianças; e o convívio entre as

crianças.

A 3ª edição do Pikas Cup atingiu os seus principais objetivos. Ficamos a aguardar a 4ª edição.

Força Vitória!



Vitória Clube do Pico



O Regresso da Filarmónica Aliança dos Prazeres

Ricardo Silva



Os últimos tempos foram de azáfama. O concerto na Casa do Povo no dia de 1 maio marcou o nosso Regresso e seguiu-se um mês de maio preenchido, culminando com a muito esperada procissão do Senhor Santo Cristo dos Milagres. A banda finalmente voltou à rua. É agora altura de superar os dois anos de incerteza com atividades em suspenso. Recuperar o tempo perdido.

A Filarmónica Aliança dos Prazeres sempre teve um papel incontornável na fruição cultural do Pico da Pedra. Através dela, sucessivas gerações de picopedrenses enriqueceram-se ao terem a possibilidade de aprender música. Após dois anos de interregno, a nossa escola de música está novamente em atividade com uma turma de crianças e jovens ansiosos de juntarem-se às nossas fileiras. É, portanto, com grande gosto que vemos que as jovens gerações continuam a ter interesse nesta bela arte. Esta realidade conforta-nos e motiva-nos para continuar a trabalhar e elevar a filarmónica a um novo patamar musical.

Desde a sua fundação que a história da nossa filarmónica está tão entrelaçada na história da nossa freguesia que é impossível separá-las. A Aliança acompanhou a história do Pico da Pedra, sentiu os seus altos e baixos, mas também criou história. Através da música deu a esta freguesia cultura, memórias e preservou tradições. É uma força construtora e agregadora capaz de criar entre estranhos um espírito de comunidade.

Após dois anos difíceis, estamos felizes por estar de volta. Dispostos a continuar a desempenhar o nosso papel como agentes da música e da cultura popular. Voltamos à rotina dos ensaios, o mapa de serviços está-se a compor e esta época parece promissora. Estamos de volta à rua! Prontos para batalhar pelo futuro que queremos construir conscientes de que a nossa força reside na nossa união e amor à nossa tão estimada Filarmónica Aliança dos Prazeres.



Pikas Cup 2022
3ª Edição

Organização

Vitória Clube do Pico da Pedra

Quadro das Equipas Participantes de Sub 8

Com o apoio de;

Homagem
Mr. António Medeiros

Pikas Cup 2022
3ª Edição

Organização

Vitória Clube do Pico da Pedra

Quadro das Equipas Participantes de Sub 9

Com o apoio de;

Homagem
Mr. António Medeiros

UM ARQUIVO DE DOCUMENTOS DOS SÉCULOS XVII A XIX

VISITAS PASTORAIS (II) cont. do número anterior

VISITAÇÃO DE 1696

ERMIDAS COM MUITAS FALTAS

Esta visitação irá ser efectuada por delegação do Bispo no Pe. Simão da Costa Rezende, ouvidor eclesiástico. A visita tem lugar durante o mês de Setembro de 1696 e, depois de ser visitada a Igreja do Bom Jesus, será a vez da ermida de S. Sebastião, Nossa senhora do Rosário e a Ermida de Nossa Senhora dos Prazeres. Nesta última, há muita falta de alfaias e também é necessária uma nova imagem de Nossa Senhora. O que leva a crer que, 22 anos depois da primeira visita registada, a Ermida de Nossa Senhora dos Prazeres tivesse novamente diversas necessidades. O secretário do visitador deixa registado que devido a o administrador assistir na corte e o seu procurador não ter ordem para prover o referido, mandava o visitador que se fizesse embargo da renda que “paga M.eI Barradas Tavares, por termo por ele assinado, para com o rendimento se prover o referido por tempo de dois anos. Esta despesa correrá por conta do Pe. Vigário caso o procurador falte”.

Sobre costumes e proibições. Proíbe os clérigos de trazerem armas e ameaçar seculares e travar dependências; fala de que o Tesoureiro terá de prover a pia baptismal de água, pois neste lugar de Rabo de Peixe não há mais que um poço e para dele se tirar água é preciso instrumento.

VISITA DE 1698

PROIBIÇÕES DIVERSAS

Em 1698, ao que tudo indica, o próprio Bispo Dom António Vieira Leitão é quem faz a visita. Todavia, o documento elaborado, embora no primeiro parágrafo tenha a forma e menção que é uma visita, o restante tem a forma de pastoral, onde se faz apelo a sacerdotes e fiéis para o cumprimento de vários aspectos da doutrina cristã. Esta visita, segundo está mencionado no documento, diz ter sido dada no lugar de Capelas a 15 de Dezembro de 1698¹.

Sobre costumes e proibições, nesta visita, ordena-se que o corte de cabelo dos sacerdotes de forma a que este não esteja demasiado grande e se consiga ver a coroa dos clérigos; que os noivos e anojados não se deixem ficar em casa como costume, terão de ir às missas de preceito; fala também da ignorância dos fregueses no que diz respeito à doutrina; apela à reza do terço aos domingos e santos e ladainhas aos sábados; proíbe as mulheres entrar na capela e na sacristia e também de correr via-sacra depois das Ave Marias e de fazer Romarias no tempo delas; proíbe, também, bailes e jogos na ocasião de partos e desposados.

Visitas do Século XVIII

VISITA DE 1706

PROCISSÕES DO SANTÍSSIMO E DO ROSÁRIO

Atendendo a que o Bispo D. António Vieira Leitão, ao promover visitas nas nove ilhas do arquipélago, na impossi-

bilidade de estar em todas elas, acabou, como alguns dos seus antecessores, por delegar estas competências. Um visitador seu delegado era o Cónego Francisco Berquó Delrio², que visitou a paroquial do Bom Jesus em Agosto de 1706.

De acordo com o relato deixado para a posteridade, fez uma série de proibições: sobre as mulheres participarem em romarias³, bailes e jogos ilícitos na ocasião de noivos, partos e baptizados. Também se proibia que se representassem comédias.

Mandou que se fizesse todos os meses uma procissão do rosário pelas ruas, com a imagem de Nossa Senhora no seu andor, e os fregueses divididos em dois coros, cantando o dito rosário alternadamente⁴. Mandou também que se fizesse em cada terceiro domingo do mês uma procissão do santíssimo sacramento.

A diligência dos prelados e demais eclesiásticos em reprimir o pecado sexual, separava homens e mulheres não só no interior dos templos, mas também no convívio e nos trabalhos do quotidiano, como se poderá ver na proibição aos moradores deste lugar de Rabo de Peixe que, na época das colheitas dos milhos, costumavam convidar os vizinhos e vizinhas para ajudar a amarrarem e debulharem os milhos, criando-se assim um ajuntamento de homens e mulheres que a igreja classificava de promíscuo.

Fala também da pobreza do povoado e adverte os trabalhadores para não trabalharem aos Domingos e dias santificados. Condena, também, aqueles que jogam nas tavernas e nelas bebem em demasia. Sobre a compostura na igreja adverte as mulheres para irem de toucas e não levianamente de cabelos soltos.

VISITA DE 1713

ERMIDAS DE PICO DA PEDRA E CALHETAS, COM FALTAS E EM RUINAS

Outro delegado do Bispo era o Dr. Francisco da Costa Carreiro, vigário da Igreja de São Roque, concelho de Ponta Delgada, que visitou a paroquial e as ermidas sufragâneas, em Julho de 1713.

Sobre a Igreja do Bom Jesus, o visitador não encontra faltas, observando que tudo está com muita decência. O mesmo não acontece nas ermidas de Pico da Pedra e Calhetas⁵. Nesta última, a capela está tão arruinada que há tempos que se sustem com espeques. Como tal ermida não tem administrador nem património e por constar ao visitador haver duas peças de ouro que o Capitão António Rego Sá ofereceu à imagem de Nossa Senhora, pensou o visitador na venda das ditas peças a fim de recuperar a ermida e na compra de outras coisas necessárias a esta.

Na dúvida da não concordância do capitão na venda das ditas peças, tal viria impedir recuperação da ermida. Assim, mandou o Visitador que se fizesse um peditório pelos fregueses do sítio de Calhetas, destinado às obras.

UM ARQUIVO DE DOCUMENTOS DOS SÉCULOS XVII A XIX

Também fala que foi criado um curato na ermida de Calhetas tendo em conta não só o povo daquele lugar mas também o do Pico da Pedra.

Na ermida de Nossa Senhora dos Prazeres, o visitante achou falta de muitas alfaias e ornamentos, sem os quais não se podia celebrar com decência. Mandou, também, cair a ermida e deu um prazo de seis meses ao administrador para prover todas as exigências, caso contrário seria mandado fazer embargo nas rendas.

Avisa os clérigos para que não andem de carapuça pelas ruas.

Condena o costume que havia de mandarem carros aos domingos e dias santificados à tarde para os matos, quando chegava o tempo de recolherem as lenhas para queimarem no inverno, pelo facto de darem escândalo às pessoas do lugar de Rabo de Peixe e da Ribeira Grande, onde passa-

vam, sendo vistos a trabalhar em dia de preceito dominical. Apesar do costume, atrás citado, estar praticamente debelado, há outro a substituí-lo. Que é o grande tráfego de bestas, animais de carga, acarretando não só as novidades do campo como também lenha dos matos, passando por defronte da igreja e no meio da praça, nos dias de preceito dominical e em dias festivos.

Continua no próximo número deste jornal

2013- Gilberto Bernardo

¹ Arquivo da Igreja Paroquial do Bom Jesus de Rabo de Peixe, Maço c/ pastorais e Visitas, fls. 9r a 16v.

² Francisco Berquó del Rio, [N. Horta, Faial, ± 1673 – m. Sé, Angra, 15.10.1745] Era filho do francês Jacques Berquó e de Maria del Rio. Fez os preparatórios em Coimbra em 1697, matriculou-se na Universidade em Cânones no ano seguinte, sendo bacharel em 1703 e formou-se em 1704.

Ordenado presbítero em data desconhecida era em 1711 provisor do Bispado. Nomeado deão da Sé de Angra, tomou posse a 14 de Setembro de 1724 e governou o bispado por comissão do bispo D. Frei Valério do Sacramento em 1738, enquanto o bispo não chegava à sua diocese, o que só aconteceu a 27 de Agosto de 1741. Fundou um morgadio com terras e vinhas no Pico a favor de um sobrinho.

Está sepultado na Sé de Angra em frente ao altar da sacristia grande debaixo de uma imponente pedra tumular de mármore. J. G. Reis Leite – Enciclopédia AçorianA <http://www.culturacores.azores.gov.pt/ea/pesquisa/default.aspx?id=9759>

³ Já em visita anterior (1698) havia sido proibido as mulheres correrem via-sacra e romarias.

⁴ Esta procissão faz lembrar uma romaria, onde também se canta alternadamente o terço do rosário.

⁵ Frutuoso (1522-1591), ao descrever a fazenda do grão capitão Francisco do Rego de Sá, diz-nos a certa altura que esta se localiza: "antes das Calhetas pouco espaço (...) com uma ermida nela", não especificando a invocação de tal ermida nem tão pouco a sua localização e como tal fazenda, no dizer do cronista, atravessava a ilha desde o mar do norte, em Calhetas, "com uma ponta nas barrocas do mar, até tornar(...) na parte do sul, na freguesia de Rosto de Cão, junto a São Roque, onde tem outra quinta(...)e só se antemetem no meio dois cerrados alheios, sendo o mais tudo seu, cingindo a terra de mar a mar(...) [Frutuoso, Saudades da Terra, ICPD, 1998, pág.193] .Dada a grande extensão da propriedade torna-se difícil saber a que ermida se referia. Todavia, através das "Genealogias de S. Miguel e Santa Maria", de Rodrigo Rodrigues, livro editado pela Sociedade Afonso de Chaves, em 1998, na página 431, referindo-se ao testamento de 25 de Março de 1595, do citado Capitão, diz-nos o seguintes: "O Capitão Francisco do Rego e Sá (...) manda enterrar-se na sepultura de seu pai Gaspar do Rego, na sua Capela na Matriz (...) [Ponta Delgada]. Manda dizer uma missa perpétua na sua ermida de Nossa Senhora da Boa Viagem, nas Cal. de RP. (...) [Calhetas de Rabo de Peixe].

O grão capitão Francisco do Rego, a quem Frutuoso dedica o Capítulo XXIII do Livro IV das "Saudades da Terra" para contar os seus feitos heróicos ao serviço de el-rei, viveu na época de D. Sebastião e por ele foi cognominado de grã capitão. Por mais de vinte anos esteve ao serviço como capitão de galeões e capitão-mor, trazendo as naus da Índia, dos mares dos Açores a Portugal, assim como também a sua frota defendeu estas ilhas dos corsários com barcos que armou alguns à sua custa, foi governador eleito da Ilha de S. Miguel, no tempo de D. António, de quem era partidário, tendo depois sido perdoado pelo rei Filipe, recebeu uma tença ou comenda de 150 mil reis anuais, como refere Frutuoso na página 100 da citada obra. Bernardo, Gilberto, o Capitão Francisco do Rego Sá, invoca a Senhora da Boa Viagem, Jornal Correio do Norte, 2005.



Casa do Povo
Pico da Pedra



CATLS “Mundo Mágico” e “Pequenos Curiosos”

Coordenadora Debbie Borges

25 de Abril...

Comemorar esta data, é valorizar a Democracia, a Liberdade e o Respeito.

É nosso dever dar a conhecer às crianças o mundo como era e como é. Incutir a consciência da importância da Liberdade, dos direitos humanos e individuais, faz parte da responsabilidade que temos enquanto cidadãos.

Foi assim, através da história do nosso país, que a crianças através de atividades plásticas, trabalharam os símbolos da temática.



Dia da Mãe e Dia da Família, são datas importantes a serem celebradas!

Maió é o mês do coração, assim sendo, como forma de valorizar a figura materna e a nossa família as crianças mostraram a sua ternura e carinho através de atividades plásticas para presentear as pessoas que lhes são mais importantes!



Dia da Europa...

A 9 de Maio comemora-se o dia da Europa. Através do diálogo e atividades pedagógicas deu-se a conhecer às crianças os vários países da União Europeia, suas bandeiras com diversas cores e a importância dos objetivos e valores de fazer parte desta União.



CENTRO DE DIA E DE CONVIVIO “S. JOSÉ”

DIA DA ÁRVORE E DA POESIA

Coordenadora Tânia Bento



No passado dia 21 de março, os nossos utentes da valência de centro de dia assinalaram, em simultâneo, duas ocasiões especiais, o DIA DA ÁRVORE e o DIA DA POESIA. Nesta comemoração temática, a par de atividades de sensibilização, vocacionadas para a preservação da natureza e, importância deste ato e responsabilidade de cada um de nós, teve também lugar um momento muito interessante e, que a atenção de todos cativou, pois convidamos os nossos idosos a serem protagonistas, em parceria com alguns dos nossos colaboradores, na declamação de poesias conhecidas de figuras incontornáveis da nossa literatura, iniciativa esta que deu viva voz aos sêniore e fez prender os participantes no seu dinamizar.



Dia da Atividade Física e Dia Mundial da Saúde

Nos dias 06 e 07 de abril e, sob o lema “Não devemos parar!”, nas nossas instalações, assinalamos o dia da atividade física e o dia mundial da saúde, com especial enfoque na prática salutar de exercício físico e, toma de um lanche fora do nosso habitual e, igualmente saudável.

Às tradicionais atividades de expressão plástica e diálogo, com adaptação de recortes e colagens a partir de revistas e reciclagens, intercalamos a dinamização de uma animada aula de ginástica, com momentos de relaxamento, que contou com a larga adesão dos nossos sêniore de centro de dia e convívio.



DIA DA FELICIDADE

O dia 20 de março constitui o marco cronológico em que se comemora o DIA INTERNACIONAL DA FELICIDADE, com o objetivo de promover a felicidade das pessoas e, sublinhar como este sentimento ou estado de espírito/gracia, constitui algo essencial para o nosso bem-estar individual e coletivo, no âmbito das nossas vivências em Sociedade, sendo certo que se trata de uma aspiração de todos, embora seja algo percebido e, vivido por cada pessoa de forma ímpar.

Motivados em proporcionar bons momentos e alegres, aos utentes de centro de dia e convívio, o diálogo e a partilha dos objetivos de cada um, assim como, as ferramentas de que cada qual se mune para se sentir realizado neste plano, foram algumas das atividades preconizadas nesta comemoração.



CATLS “Mundo Mágico”, “Pequenos Curiosos” e Centro de Dia e Convívio de Idosos

EM ROMARIA QUARESIMAL

No passado mês de abril, os idosos do nosso centro de dia e convívio e as crianças dos nossos catl's, acompanhados dos respetivos colaboradores das valências, foram protagonistas de mais uma tradicional Romaria Quaresmal.

Esta atividade já vem ganhando lugar no plano de atividades da CPPP, configurando-se numa boa prática que aspira inculcar nos mais jovens, em intercâmbio com os mais velhos, o espírito que se vivencia na época pascal, por ocasião de uma tradição tão nossa como o são as Romarias quaresmais.

Com a pronta colaboração do Sr. Eduardo Oliveira, o mestre nessa celebração, os nossos utentes executaram um percurso simbólico e sentido, entoando cânticos de Ave-Maria e, aprendendo algumas orações sinal desta iniciativa, nas nossas instalações, mas também na Igreja de Nossa Senhora dos Prazeres.



Rua Antigos Combatentes

2022/03 G. Bernardo



Artéria do Bairro do Capitão Cordeiro que liga a Francisco Martins de Medeiros à rua do Poder Local. Esta artéria é uma homenagem aos combatentes da Guerra Colonial 1961-1974.

Do antigo Império Português faziam parte uma série de colónias em África, Ásia e Oceânia. Nessa época, o serviço militar era obrigatório e muitos dos que iam para as forças armadas estavam sujeitos a serem mobilizados para a defesa das províncias onde existiam guerrilhas. A guerra colonial, propriamente dita, começou em Angola, em 1961, tendo depois a luta armada se estendido à Guiné Bissau, em 1963, e a Moçambique, no ano seguinte. Nos anos de guerrilhas, nestas províncias, muitos foram os picopedrenses mobilizados para a sua defesa. Um dos primeiros soldados picopedrenses a partir para Angola foi Jaime Falcão Ferreira, em 1961, tendo regressado após terminada a comissão de serviço de dois anos.

Mas nem todos tiveram a mesma sorte de regressar, pois muitos foram aqueles que perderam a vida, ou ficaram com deficiências físicas ou psicológicas. Durante os anos sessenta, muitos foram os soldados picopedrenses que regressaram da guerra colonial sem mazelas de maior. Todavia, a 20 de Junho de 1970, Francisco Luís Alves foi o primeiro militar desta freguesia a perder a vida em combate na província da Guiné Bissau. A notícia da sua morte deixou toda a freguesia consternada. Mais tarde um outro militar do Pico da Pedra, Ernesto Pacheco, faleceu em Angola, vítima de doença.

O topónimo desta artéria pretende fazer memória destes 13 anos de Guerra Colonial, em que as famílias deste país, que tinham filhos na frente de guerra, viveram um autêntico suplício.





Flash

PRÉMIO GILBERTO BERNARDO/ SER MAIS PROFISSIONAL



Instituído por esta Casa do Povo, em homenagem ao artista Picopedrense Gilberto Bernardo, este prémio distingue anualmente o estudante, residente nesta freguesia, que termine o seu Curso Profissional, nível IV, com a melhor classificação.

Este ano, o júri deliberou atribuir o Prémio ao jovem JOÃO PEDRO RESENDES CHANTRE, que terminou o seu Curso "Técnico de Instalações e Gestão de Redes", com a classificação de 16 valores.

Devido ainda às contingências sanitárias a que estamos sujeitos, o Prémio monetário no valor de 250.00€ e respetivo certificado foi-lhe entregue, não em Sessão Solene como era usual, mas sim durante a Assembleia Geral desta Instituição realizada a 30 de março do corrente ano.

Parabéns ao estudante premiado!



CONCURSO DE MAIOS

À semelhança dos anos transatos, a Casa do Povo promoveu novamente o tradicional Concurso de Maios, registando-se este ano uma fraca adesão, o que se lamenta, a esta interessante tradição.

Todavia, após visita aos concorrentes, o júri deliberou por unanimidade atribuir a seguinte classificação:

1.º Lugar

Paula Eduarda Ferreira



2.º Lugar

Maria José da Costa Alves



3.º Lugar

José Francisco Pereira Arruda



REGULARIZADA SITUAÇÃO DE TRABALHADORES

No passado dia 01 de abril de 2022, a Casa do Povo assinou Contratos de Trabalho com 6 trabalhadores que prestavam serviço a Recibo Verde no CATL "Pequenos Curiosos", proporcionando-se, assim, estabilidade profissional aos mesmos.

Tal só foi possível graças ao Acordo de Cooperação celebrado com a Cooperativa "A Ponte Norte" / Câmara Municipal da Ribeira Grande.



CURSO DE ARTESANATO

Com o regresso à normalidade, teve início no mês de maio, mais um Curso de "Registos do Senhor Santo Cristo" ministrado pela artesã credenciada Luísa Benevides.

Abertas as inscrições, inscreveram-se neste Curso 13 Formandas que, durante alguns meses, irão aprender a técnica necessária para construir o seu Registo do Senhor Santo Cristo. Os trabalhos finais serão partilhados com o público numa exposição a ter lugar no mês de setembro.



SUPLEMENTO



EB1/JI Professor António Augusto da Mota Frazão

Escola Criativa

AÇÃO DE SENSIBILIZAÇÃO



No passado dia 17 de maio, a **EB1/JI Professor António Augusto da Mota Frazão**, juntamente com o **professor José Freire**, embaixador da **SeguraNet** na nossa região, realizou uma ação de sensibilização **“Os perigos e oportunidades da internet – Do mundo virtual ao mundo real!”**, para pais e encarregados de educação, no sentido de reforçar uma cidadania digital mais segura.

Esta ação surgiu no âmbito do Plano Anual de Atividades da nossa escola, no qual damos especial atenção ao **Mês da Família**, realizando, juntamente com pais e outros familiares, atividades que promovem a aproximação da família à escola, abrindo as portas das nossas salas para o convívio promotor de aprendizagens significativas.

Um dos problemas atuais mais comuns para as crianças e jovens em idade escolar é a falta de preparação para as ciber-ameaças que resultam da exposição excessiva quer através dos telemóveis, como também dos computadores, situação esta que se veio a agravar com a pandemia.

A ação permitiu aos presentes refletir sobre alguns dos riscos desta exposição, bem como sobre algumas ações preventivas que os pais / encarregados de educação devem ter em conta. Os pais têm de desenvolver alguns mecanismos de control em relação ao que os filhos fazem na internet, acompanhando-os nas redes sociais, ver o que postam, chamar à atenção para que tudo o que colocam na internet nunca mais desaparece, deixando uma pegada digital que nunca mais desaparece, podendo vir a ter consequências a nível futuro, nomeadamente a nível profissional.



Apresentação do livro "A menina que desenhava corações", da escritora Sónia Sousa, na EB1/JI Professor António Augusto da Mota Frazão

No dia 31 de março, a escola EB1/JI Professor António Augusto da Mota Frazão teve a honra de receber, a escritora Sónia Sousa, para a apresentação encenada do seu livro "A menina que desenhava corações".

É uma história repleta de ternura, que retrata a história de uma menina que sem saber ler ou escrever, consegue transmitir os seus valores, amor e carinho pelos seus avós. Cada sessão teve uma duração de aproximadamente sessenta minutos e, no final, os alunos puderam adquirir o livro e receber um autógrafo da escritora.

Sónia Sousa tem o dom de espalhar magia e alegria, não só nos mais pequenos como também nos mais graúdos.

Foi um momento maravilhoso para as nossas crianças!



Ação de formação "Manuseamento de Extintores Portáteis", pessoal docente e não docente da escola EB1/JI Professor António Augusto da Mota Frazão



No âmbito do simulacro de incêndio realizado na escola EB1/JI Professor António Augusto da Mota Frazão, no passado mês de março, que visou testar a preparação e respetiva atuação de todos os envolvidos, numa situação de incêndio no interior do edifício, evacuação e salvamento de pessoas em risco, o pessoal docente e não docente desta instituição, realizou, no dia 6 de maio, uma ação de formação "Manuseamento de Extintores Portáteis", para atualização de conhecimentos a aplicar em possíveis situações de risco.

A ação levada a cabo, foi realizada no Centro de Formação e Treino dos Bombeiros de Ponta Delgada.



EB1 / JI Professor António Augusto da Mota Frazão Nova dinâmica de recreios



A nossa escola tem agora um novo espaço para dinamização de recreios. Têm sido adquiridos novos jogos de acordo com as várias idades, fazendo deste um local de entretenimento, onde as crianças, para além de jogar, também podem ver filmes (televisão oferecida pela Junta de Freguesia do Pico da Pedra no Natal) e ler livros.

Cada turma usufrui deste local, de forma rotativa. O jogo é uma ótima ferramenta para estimular as diferentes inteligências das crianças e potenciar as suas habilidades sociais e construtivas. Tem tido uma grande adesão por parte dos alunos, facultando-lhes momentos que, para além de divertidos exigem o uso de procedimentos essenciais nas diferentes esferas da vida, como o planeamento, a previsão, a antecipação, o método de registo e contagem, entre outros.



Final do 2º período Caça aos ovos no Parque Maria das Mercês Carreiro



Nas últimas semanas do 2º período, foi elaborada a decoração da escola alusiva à data comemorativa que se aproximava, a Páscoa, com a colaboração de todos os alunos.

No último dia de aulas foi realizada uma caça aos ovos no Parque Maria das Mercês Carreiro. Foi uma alegria tanto para os professores como para os assistentes operacionais verem a felicidade e a satisfação das crianças, num regresso às nossas atividades, após dois anos que não nos permitiram ter destes convívios mais alargados, devido à situação pandémica. No final da manhã, foi distribuído um foliar tradicional a cada aluno, oferecidos por uma docente.



Maio Mês da Família na escola EB1/JI Professor António Augusto da Mota Frazão



No âmbito do Plano Anual de Atividades, a escola EB1/JI Professor António Augusto da Mota Frazão, durante todo o mês de maio, festejou o mês da Família.

Foram realizadas, juntamente com os pais e outros familiares, atividades que promoveram a aproximação da família à escola, abrindo as portas das nossas salas para o convívio promotor de aprendizagens significativas.

Esta celebração visa, entre outros objetivos, destacar: a importância da família na estrutura do núcleo familiar e o seu relevo na base da educação infantil; reforçar a mensagem de união, amor, respeito e compreensão necessárias para o bom relacionamento de todos os elementos que compõem a família; chamar a atenção da população para a importância da família como núcleo vital da sociedade e para seus direitos e responsabilidades; sensibilizar e promover o conhecimento relacionado com as questões sociais, económicas e demográficas que afetam a família.





PROGRAMA COMEMORATIVO

45 anos a servir o Pico da Pedra

1977 – 2022

- 17/JUNHO** - Edição especial de Junho do Jornal “Voz Popular”
- 27/JUNHO** - Passeio dos Avós
- 01/JULHO** - Pintura de mural (CATLS)
- 02/JULHO** - Início do Torneio de futebol de cinco e Taça Marco Jesus
- 29/JULHO** - Confraternização com os funcionários
- 13/AGOSTO** - Jornadas de Juventude
- 19/AGOSTO** - Concurso de fotografia “Recantos do Pico da Pedra”
- 27/AGOSTO** - Provas de Atletismo
- 16/SETEMBRO** - Exposição de trabalhos das Valências, Fotografias e Registos do Sr. Santo Cristo (Museu Local)
- 04/NOVEMBRO** - Festival de Sopas
- 02/DEZEMBRO** - Sessão solene comemorativa da efeméride
- 03/DEZEMBRO** - Concerto pela Filarmónica Aliança dos Prazeres
- 04/DEZEMBRO** - Missa de Ação de Graças
 - Desfile dos Escuteiros do Agrupamento 1144 do CNE
- 08/DEZEMBRO** - Abertura do Presépio de Panos (Sede Casa do Povo)